POVO BRASILEIRO APLAUDE REATAMENTO COM A URSS: ATO DE PAZ E SOBERANIA

TEXTO NA 3ª PÁGINA

Dep. Clélio Lemos na Câmara: A ESSO Sonegou 3,7 Bilhões de Lucros!

Texto na 7ª página

NOVOS RUMOS

ANO III — Rio de Janeiro, semana de 1º a 7 de dezembro de 1961 — Nº 147

Sacerdotes Católicos na Luta Pela Reforma Agrária

Brasil e União Soviética

O REATAMENTO de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética constitui grande vitoria de nosso povo. Durante anos seguidos, uma injustificavel situação foi imposta ao pais, com desprézo pelos seus interesses e desatendimento às exigências de suas forças mais representativas. A vontade e o interesse da Nação começam afinal a prevalecer. E isso também significa a derrota dos que, por motivos retrógrados ou a serviço de conveniências antinacionais, se opunham à decisão que foi agora tomada.

A DECISÃO do govêrno brasileiro tem o sentido de um passo à frente no caminho de uma politica externa independente e de defesa da paz. É certo que o Itamarati insiste em afirmar, no melhor estilo da politica de conciliação do gabinete Tancredo Neves, que o reatamento não representa a quebra da submissão dos altos circulos governamentais ao Departamento de Estado norte-americano. Mas a verdade é que êsse ato politico, da parte do Brasil, é a expressão antes de mais nada da tendência crescente e irresistivel de nossa Pátria a impor-se como nação realmente soberana, a conduzir-se livremente, dentro das próprias fronteiras e no cenário internacional, segundo seus superiores interêsses e os imperativos da paz e da convivência fraterna entre os povos. E sua significação adquire maior relêvo nas circunstâncias atuais do mundo, quando as forças belicistas dos Estados Unidos se empenham em tornar ainda mais grave a tensão entre as nações, procurando impedir a solução do problema de Berlim, criando obstáculos ao acôrdo para a cessação das experiências nucleares, interferindo militarmente na República Dominicana, organizando nova invasão de Cuba.

O REATAMENTO de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética vem atender aos anseios de progresso, independência e bem-estar de nosso povo. Possibilita um proveitoso intercambio cientifico, tecnico, artistico e cultural. Permite a intensificação de relações comerciais e a inauguração de relações de cooperação econômica que, por se apoiarem em bases de efetiva colaboração mútua, isentas do caráter espoliativo da "ajuda" imperialista, constituirão um fator de combate real ao nosso subdesenvolvimento. Abre, assim, novas possibilidades a que nossa economia se fortaleça seguindo um curso de desenvolvimento que conduza à crescente diminuição da dependência, em que ainda vivemos, aos grupos monopolistas estrangeiros, particularmente norte-americanos. Cria, portanto condições mais favoraveis a que nosso povo torne vitoriosa sua luta pela emancipação econômica nacional e pela completa independência politica do pais.

E é exatamente por tudo isso que o grupo ultra-reacionário dos Lacerdas, Marinhos e assemelhados esperneia raivoso contra o reatamento de relações com a União Soviética. Porta-vozes, que são dos belicistas e colonizadores de Washington, não querem êles a paz, mas a guerra. Não desejam que o Brasil siga uma politica externa independente, mas advogam a "alienação progressiva de nossa soberania". Não se batem pela emancipação nacional, mas pela entrega completa do Brasil à dominação ianque.

MAS, outros são os interesses, as aspirações e a vontade de nosso povo. Nós, comunistas, que sempre erguemos bem alto a bandeira do estabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética e todos os demais paises socialistas, tendo que enfrentar, muitas vêzes, feroz repressão policial e uma torpe campanha de calúnias, sentimos júbilo em afirmar que em tôrno dessa bandeira se uniram as forças mais expressivas da sociedade brasileira. O ato do governo é uma vitória de tôdas essas forças. E tôdas essas forças saberão, sem duvida, apoiar êsse ato com o entusiasmo merecido, através das mais diversas formas de manifestações e pronunciamentos, empenhar-se para que sejam efetivamente transformadas em realidade as possibilidades abertas com a reaproximção entre nossa Pátria e a União Soviética, e prosseguir a luta pela normalização das relações comerciais e diplomáticas com todos os demais paises socialistas, como a República Popular da China e a República Democratica Alemã. É êsse o caminho que os interêsses vitais de nosso povo indicam.

Democracia e Libertação eram as bandeiras da ANL

Texto na 7ª pág.

"Agressão a Cuba Será Uma Agressão a Tôda a América Latina"

Texto na 3ª pág.

ENQUANTO a alta hierarquia católica se empenha em preservar o latifúndio com tôdas as suas mazelas, padres católicos comparecem ao I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, em Belo Horizonte, e aprovam uma Declaração em favor da reforma agrária radical. Aqui vemos, ladeando o redator de NOVOS RUMOS, o padre Arquimedes Bruno, do Ceara, e frei Eugênio Giovenardi, do Rio Grande do Sul. Reportagem de Rui Facó na 8.ª página.

PASSEATA DE SERVIDORES: 50%

ATINGIDOS também pela onda inflacionária que vem reduzindo brutalmente o poder de compra das massas assalariadas, forçando-as a crescentes cortes em suas indispensáveis despesas, os funcionários públicos federais e autárquicos intensificam, em todo o país, a campanha pela elevação de 50% em seus vencimentos, a partir de 1.º de dezembro corrente. Na última sexta-feira, milhares de servidores se concentraram em frente ao Palácio Tiradentes, exigindo a adoção daquela medida. Na foto, um aspecto da passeata realizada pelos portuários cariocas, que desfilaram pelas ruas da cidade, como o fizeram os ferroviários e os marítimos, rumo ao local da concentração. Reportagem na 2.ª página.

Divisionistas expulsos

Nota na 4ª pág.

REGISTRO DO PCB: 30 MIL ASSINATURAS COLETADAS EM SP

A Comissão Paulista Pró-Registro do Partido Comunista Brasileiro distribuiu comunicado à imprensa anunciando que, em todo o Estado, já foram coletadas cêrca de 30.000 assinaturas e convidando os coletores da Capital a recolherem as listas às sedes de bairro ou diretamente à Avenida Ipiranga, 81, 5º andar. Apela também para as Comissões Municipais a fim de que recolham as listas já preenchidas e procedam à conferência das firmas nos cartórios eleitorais, remetendo-as em seguida para a Capital. Isto não significa, entretanto, que a coleta de assinaturas deva cessar; ao contrário, ela deve continuar e ser intensificada, a fim de se conseguir um número bem mais alto de assinaturas, numa demonstração inequivoca dos sentimentos democráticos dos paulistas.

Experiências da Campanha Pelo Registro do PCB

Art. de Theodoro de Mello na 4ª pág.

A Frente de Libertação Nacional e os Sindicatos

Art. de Nilson Azevedo na 4ª pág.

ARMOR-MILANO
ARQUIVO PÚBLICO DO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO
1890-1965

Movimenta-se o Funcionalismo Pelo Aumento Imediato de 50 0/0

Cêrca de três mil servidores públicos federais e autárquicos concentraram-se no último dia 24, em frente ao Palácio Tiradentes, numa vibrante manifestação de luta pela conquista de um reajustamento de 50% em seus vencimentos. Os manifestantes, dentro os quais marítimos, ferroviários e portuários, depois de realizado o comício em defesa das suas reivindicações saíram em passeata pelas ruas da cidade, conduzindo faixas e cartazes, denunciando a alta alarmante do custo da vida e justificando as suas pretensões.

A manifestação, promovida pela Federação Carioca dos Servidores Públicos, contou com a participação de delegações de servidores federais e autárquicos dos Estados do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e São Paulo. Os líderes que fizeram uso da palavra reclamaram do govêrno a adoção de providências para que todos os "barnabés" recebam, até o dia 10 de dezembro, os benefícios decorrentes do Plano de Classificação e da Lei da Paridade. Dentre os oradores encontravam-se os srs. Carlos Taylor, da Confederação Nacional dos Servidores Públicos; Jorge Ferraz de Araújo, da União dos Servidores do Estado; Benedito Marques Teixeira, da Estrada de Ferro São Luís-Teresina; Demisthóclides Baptista, do Sindicato dos Ferroviários; Uriel Câmara, do DNER e Gerônimo Dias, da União dos Portuários do Brasil.

PROMESSAS DE JG

O engenheiro Carlos Taylor, da Confederação Nacional dos Servidores Públicos, leu o texto do telegrama que lhe enviou o Presidente da República, sr. João Goulart, respondendo ao pedido dos "barnabés" para que seja enviada mensagem ao Congresso Nacional, dispondo sôbre o aumento de 50% nos seus vencimentos, a partir de 1 de dezembro. E' o seguinte o texto do telegrama: "Em resposta ao seu telegrama, informo não desconhecer as dificuldades fundamentais que se abatem sôbre a laboriosa classe do funcionalismo público. Sua situação salarial constitui preocupação e vem sendo alvo de acurado exame por parte do Conselho de Ministros".

MEMORIAL

Na manifestação da última sexta-feira, os funcionários federais e autárquicos deram início à coleta de assinaturas ao memorial-monstro que será enviado ao presidente da República e ao primeiro-ministro, pleiteando o aumento de 50% nos seus vencimentos. O memorial, que recebeu imediatamente assinaturas de mais de 3 mil servidores, tem o seguinte texto:

"Os servidores públicos federais e autárquicos, reunidos em praça pública, em grande concentração, promovida pelas entidades de classe, abaixo enumeradas, sob o patrocínio da Federação Carioca de Servidores Públicos e o apoio da Confederação dos Servidores Públicos do Brasil, respeitosamente apelam para vossas excelências no sentido de ser enviada, com a máxima urgência, uma mensagem ao Congresso Nacional, com o projeto de lei concedendo um aumento geral de vencimentos aos servidores civis, da ordem de 50% (cinqüenta por cento), em face da progressiva elevação do custo de vida, que anula os efeitos do plano de classificação e cargos e da lei de paridade.

Justifica-se ainda êsse aumento, como medida de restabelecimento dos níveis, diminuídos com o nôvo salário-mínimo recém-decretado pelo govêrno.

Tratando-se de medida de justiça, assinamos o presente, certos da boa acolhida por parte do govêrno e Congresso Nacional."

Aspecto da grande passeata dos servidores, realizada sexta-feira última

As Eleições na CNTI

Antônio Chamorro

Mais de três milhões de trabalhadores nas indústrias, por todo o país, logo após o próximo dia 10 de dezembro, saberão se os delegados eleitores na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria honraram os seus mandatos ou não, derrotando Deocleciano Cavalcante, Campista, Veloso e outros, que fizeram dessa poderosa entidade sindical, não um meio para impulsionar as lutas dos trabalhadores, mas, pelo contrário, um meio de vida para as suas ambições pessoais, em prejuízo não só dos trabalhadores nas indústrias como também de todos os trabalhadores e de tôdas as fôrças que lutam pela completa emancipação de nossa Pátria.

Nos dias 8, 9 e 10 deverão processar-se as eleições na .. C.N.T.I. Infelizmente, porém, alguns delegados eleitores ainda não prestam contas aos seus representados de como se processam as reuniões do Conselho dessa entidade, onde Cavalcante, Campista, Veloso, etc., pontificam como os «donos», fazendo e desfazendo de acôrdo com os seus interêsses pessoais, bem como das resoluções ali aprovadas pelo Conselho de Representantes, que em grande parte procura refletir os anseios dos trabalhadores.

Se os trabalhadores da indústria tivessem pleno conhecimento da atividade dêsses senhores, tenho a certeza de que há anos já teriam sido desalojados dos postos que ocupam e a C.N.T.I. atualmente, estaria comandando as lutas unitárias dos trabalhadores no âmbito nacional, transformando, na prática, muitas das reivindicações pelas quais hoje lutamos, numa realidade.

Mas o contrário é o que sucede atualmente, por inoperância dêsses «dirigentes», que vêem na mínima reivindicação, seja econômica, política ou social dos trabalhadores, o «fantasma do comunismo». Indústria essa já muito rendosa em nosso país, mas que ainda consegue envolver e amedrontar dirigentes sindicais, muito dêles bem intencionados e outros, que fazem disso expediente, como os senhores acima citados.

Acredito que para os dirigentes sindicais deve ser um princípio sagrado a defesa da unidade dos trabalhadores, mas do que temos visto na atuação de Cavalcante, Ari e Veloso, principalmente nestes últimos dois anos, podemos destacar os seguintes acontecimentos:

a) — os dois manifestos divisionistas lançados às vésperas do 1º de Maio de 1960, onde pregavam a cisão do movimento sindical. Acontece, porém, que em tôdas as regiões nas quais desceram para defender o seu conteúdo, foram repelidos pela maioria dos trabalhadores presentes às reuniões;

b) — no último Congresso Sindicpato Nacional, convocado inclusive pela C.N.T.I., êsses senhores, para vergonha dos presentes, após fazerem uma série de provocações, abandonaram o recinto do Congresso pretendendo dissolvê-lo, mas não o conseguiram isolando-se assim, de quase dois mil trabalhadores (delegados) presentes.

c) — quando da luta a favor da paridade dos trabalhadores em transportes, no momento em que todos estendiam seu apoio e solidariedade e, também, quando centenas de operários já se encontravam encarcerados, bem assim, encontrando-se o país ameaçado pelo govêrno de ser lançado em estado de sítio, novamente Deocleciano e seu grupo, para escárneo dos trabalhadores, lançaram uma nota à imprensa, dando apoio ao govêrno e colocando-se contra os trabalhadores;

d) — nos últimos acontecimentos de agôsto, com a renúncia do sr. Jânio Quadros, quando a maioria do povo lutava pela defesa da Constituição, das liberdades e pela posse do sr. João Goulart, e encontrando-se milhares de dirigentes sindicais, operários, estudantes, militares e patriotas, encarcerados, tendo sido muitos sindicatos fechados pelos golpistas, Deocleciano e seus amigos enviavam telegramas e circulares recomendando aos dirigentes sindicais «que se mantivessem em calma e confiassem no alto espírito patriótico das autoridades». Essa recomendação foi uma bofetada, em geral, em todos os trabalhadores. Mas, principalmente, foi um insulto à combatividade e à altivez do proletariado gaúcho, que se uniu com a maioria do povo daquele Estado. É uma afronta aos bravos comandantes da luta pela legalidade.

Êsse «grupo», que vive se banqueteando com Carlos Lacerda, cavou sua própria sepultura. Ninguém mais do que êle teve tanta oportunidade de se projetar como verdadeiro líder dos trabalhadores. Mas há 13 anos Deocleciano vem usando a máquina da C.N.T.I. contra os trabalhadores. Se os delegados eleitores atenderem desta vez ao desejo dos trabalhadores, a unidade, que já se esboçou por todo o país, em tôrno da Chapa formada por Clodsmidt Riani e seus companheiros tornará possível, se não prevalecer o interêsse pessoal neste fim de ano, a concessão a milhões de industriários de um magnífico abono de Natal, com a derrota de Deocleciano, Ari e Veloso, colocando-se a C.N.T.I. em seu verdadeiro eixo, ou seja, no seio de seus legítimos representantes que são os milhares de trabalhadores. Isso depende apenas de 27 votos, que se constituem na maioria na CNTI, pois é de 52 o total em todo o país.

CARTA DE ABAETÉ

Daniel Angelo da Silva, de Abaeté (MG), comunica-nos que renovou sua assinatura de NOVOS RUMOS, «melhor semanário editado no Brasil». Quanto às reportagens que nos sugere, o leitor pode mandar o que tiver, sem compromisso, que estudaremos seu aproveitamento.

Ponte em Pajucair

O leitor Amadeu R. Sousa, de Pajucaia (RJ), comunica-nos que finalmente foi inaugurada a pointe sôbre o rio Macacu, vitória dos moradores do local contra o administrador do núcleo colonial do INIC, contrário à execução da necessária medida.

"UDN e PSD, Irmãos Inseparáveis"

Sob o título acima, o leitor José Jerônimo, de Austin (RJ), envia-nos longo artigo demonstrando que quase sempre coincidem os interêsses dêsses dois partidos. Infelizmente, a falta de espaço impede-nos o aproveitamento toltal do trabalho.

Ajuda a NOVOS RUMOS

Um amigo (Niterói)	..,00
Francisco B. Lima (Rio)	550,00
Amigo da Tijuca (Rio)	1.500,00
Empregado de Edifício (Rio)	500,00
Um leitor (Rio)	100,00
Comunista português (Rio)	200,00
Hoteleiros (Rio)	550,00
José Wanderlei Nóbrega (Estado do Rio)	1.000,00
J. Eugênio	300,00

A CAMINHO DE MOSCOU LÍDERES SINDICAIS DE TODO O BRASIL

Cêrca de 50 dirigentes sindicais brasileiros encontram-se a caminho de Moscou, onde participarão do V Congresso Sindical Mundial, que se realizará naquela cidade, de 4 a 16 de dezembro do corrente. A Federação Sindical Mundial, promototora do conclave, convidou as entidades representativas de trabalhadores de todos os países a dêle participarem, mesmo como membros observadores, mas com direito a voz e voto, embora não sejam filiados a FSM.

O movimento sindical brasileiro, embora não seja filiado a FSM, participará do V Congresso Sindical Mundial, que deverá ser a maior assembléia de trabalhadores de todos os tempos, dando mais uma prova insofismável de seu sincero desejo de contribuir para a unidade entre o proletariado de todos os continentes, para o refôrço da luta pelas suas reivindicações comuns.

A delegação de dirigentes sindicais brasileiros leva consigo a saudação calorosa e fraternal dos trabalhadores de todos os setores profissionais aos seus companheiros dos 100 países que se reunirão em Moscou, para discutir em tôrno da seguinte ordem-do-dia:

1) atividades da FSM e as tarefas atuais das organizações sindicais em favor das reivindicações econômicas e sociais dos trabalhadores e na luta pela paz, contra o imperialismo e pelo desarmamento e

2) desenvolvimento das atividades e da solidariedade das organizações sindicais na luta dos povos pela liquidação do colonialismo.

Os trabalhadores de todos os países debateram amplamente o Projeto de Programa de Ação Sindical, elaborado pela FSM, que servirá de base para a aprovação de um vasto programa de ação comum para o proletariado de todos os países. O referido Projeto, publicado por NOVOS RUMOS, analisa em profundidade todos os aspectos da luta que o proletariado trava para conseguir a sua unidade, em tôdas as nações, para garantir o pleno emprêgo, a melhoria dos seus salários, das suas condições de vida e trabalho, para conseguir a manutenção da paz e abolir o colonialismo, onde quer que êle exista, sob qualquer disfarce. Documento de grande importância, foi êle lido e debatido e mesmo enriquecido em nosso País, pela experiência já adquirida pelo proletariado brasileiro, em sua luta pela preservação dos direitos sindicais e democráticos, pela melhoria das suas condições de vida e de trabalho, contra a espoliação imperialista e a ofensiva dos agentes divisionistas da ORIT e da CIOSI, a serviço do imperialismo norte-americano.

Jornalistas Ganham as Ruas na Luta Pelo Aumento de 60%

Os jornalistas profissionais da Guanabara promoverão uma grande concentração no dia 1 do corrente, sexta-feira às 17 horas, no Departamento Nacional do Trabalho, onde se realizará a primeira mesa-redonda, com a participação dos seus líderes das autoridades ministeriais e do Sindicato das Emprêsas de Jornais da Guanabara. Os Jornalistas reivindicam um aumento salarial de 60%, com um mínimo de 10 mil cruzeiros a partir de 15 de dezembro. Após a mesa-redonda, os profissionais da imprensa seguirão em passeata pelas ruas da cidade, esclarecendo aos cariocas as razões da sua luta e pedindo a solidariedade do povo, para torná-la vitoriosa.

Na última segunda-feira, os jornalistas estiveram no gabinete do ministro do Trabalho, onde foram atendidos pelo sr. Paulo Lacerda que prometeu a convocação da mesa-redonda no DNT, para a discussão do problema salarial da classe. O Sindicato das Emprêsas de Jornais e Revistas, dirigido pelo deputado Chagas Freitas, negou-se a atender o pedido de antecipação da data do nôvo acôrdo salarial, feito pelos jornalistas cariocas, através do seu Sindicato.

No próximo sábado, às 14 horas, os jornalistas realizarão uma grande sessão da assembléia permanente, quando apreciarão os resultados da mesa redonda do dia 1, no DNT.

SOLIDARIEDADE

A luta dos jornalistas cariocas conta com o apoio de tôdas as categorias profissionais da Guanabara. Inúmeros líderes sindicais já manifestaram sua disposição de comparecer a mesa-redonda do DNT, para oferecer sua solidariedade aos profissionais da imprensa.

O Sindicato dos Radialistas, que acaba de sair de uma greve vitoriosa, enviou uma mensagem ao sr. Luis Guimarães, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, na qual salienta: «No momento em que os jornalistas apresentam suas reivindicações, o Sindicato dos Radialistas, em nome da classe, reafirma a solidariedade e a cooperação que nos une como um verdadeiro pacto e que opera com efetividade porque, sem assinatura, traz, entretanto, a chancela da compreensão e da fraternidade.

Auguramos que chegue o dia em que o individualismo desapareça e, então, o homem não queira ser, apenas êle, o ditoso, feliz e poderoso, mas compreender a necessidade da extensão a tôda a humanidade dos bens da natureza e dos benefícios que a inteligência fêz a ciência produzir. Que êsse dia não tarde a fim de desaparecerem os perigos das guerras e da opressão do poder econômico.

Em nome da classe dos radialistas, reafirmamos nosso incondicional apoio às justas reivindicações dos nossos irmãos da imprensa e, pedindo aos colegas dos Departamentos de Rádio-jornalismo, das emissoras, que dêem tôda colaboração na divulgação da campanha encetada pelo seu Sindicato, apresentamos-lhe nossos votos de vitória».

Jornalistas em passeata pelas ruas do Rio

CAMPANHA PELO ABONO DE NATAL

A Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo encontra-se lançada na liderança da campanha pela coleta de 50 mil assinaturas, entre os têxteis paulistas, ao memorial a ser enviado ao Congresso Nacional, pleiteando a aprovação do projeto .. 440/59,, do deputado Aarão Steinbruch, concedendo o abono de Natal a todos os trabalhadores. Entidades representativas de outras categorias profissionais desenvolvem atividade no mesmo sentido, em todo o país, como decorrência não só da decisão do III Encontro Sindical Nacional, mas da imperiosa necessidade de um refôrço no orçamento doméstico de cada trabalhador, para que os mesmos possam proporcionar às suas famílias um Natal menos triste e miserável.

BOMFIM EM CAMPOS E MACAÉ: PCB E GOVÊRNO ATUAL

Nosso companheiro Orlando Bomfim Jr. realizou, no dia 18, uma conferência no recinto da Câmara Municipal de Macaé, a respeito do registro do Partido Comunista Brasileiro. O ato foi presidido pelo vereador Walter Quaresma e contou com a presença de personalidades locais e de numerosa assistência, que lotou as dependências da Câmara.

No dia seguinte, nosso diretor fêz uma palestra em Campos, sôbre a posição dos comunistas em face do atual govêrno. Essa conferência de Orlando Bomfim foi realizada na Lyra do Apolo, que teve seus salões repletos.

Vitoriosa a Primeira Greve Dos Radialistas Cariocas

Muita gente ficou irritada na manhã do último dia 24, verberando contra a qualidade de seus aparelhos de rádio e televisão, que não funcionavam, não "pegavam" nenhuma emissora da Guanabara. Mas não eram os aparelhos que estavam enguiçados: eram os radialistas cariocas que realizavam a sua primeira greve, exigindo um aumento salarial de emergência de 40%. Quatorze horas depois, as 17 estações de rádio e as 3 de televisão voltavam a funcionar, porque os radialistas, em sua surpreendente luta unitária, conseguiram alcançar plenamente os seus objetivos, levando os proprietários das emissoras de rádio e TV a assinaram um acôrdo assegurando-lhes as seguintes reivindicações: 1) aumento de 40%, como abono de emergência, a partir de 24 de novembro, a ser calculado sôbre os salários resultantes do último acôrdo; 2) garantia de um salário mínimo de Cr$ ...... 15.000,00 aos atuais empregados; 3) extensão do abono de emergência a todos os empregados admitidos depois do dia 1 de fevereiro do corrente ano; 4) nenhuma punição para os grevistas.

Ao ter notícia da greve, que eclodira a zero hora do dia 24, os ouvintes de todo o País, notadamente os cariocas, colocaram-se inteiramente ao lado dos profissionais do rádio e TV. Artistas queridos do povo como Norka Schmidt, Jorge Goulart, Nora Ney, Iara Salles, Marlon, Risadinha, Mário Lago, Linda Batista, Isis de Oliveira, Paulo Pôrto, Marilena Alves, Dias Gomes, Vera Lúcia, Heleninha Costa, Modesto de Souza e inúmeros outros, deixaram os estúdios e saíram para os piquêtes de greve, que atuaram com absoluta eficiência, conseguindo a paralisação de tôdas as emissoras da cidade. Apenas as rádios Ministério da Educação e Roquete Pinto (oficiais) estiveram no ar., mesmo assim sem dar os seus prefixos, e apenas transmitindo músicas, sem emitir notícias ou comentários.

Os incrédulos da capacidade de luta dos radialistas tiveram a sua primeira decepção quando assistiram uma imensa massa de trabalhadores do rádio desfilar pelas ruas da cidade, na tarde do dia 23, conduzindo faixas e cartazes, tornando públicas as suas dificuldades ante o encarecimento brutal do custo de vida, e dando conta de que iriam a greve geral, caso não lhes fôsse concedido o aumento de emergência de 40%.

O Sindicato das Emprêsas de Rádio e TV manteve-se insensível, e foi abandonado pela maioria das emissoras, que resolveram assinar acôrdos em separado com o Sindicato dos Radialistas, presidido pelo líder Hemilcio Fróes. Na noite em que foi decretada a greve, 13 emissoras já haviam decidido firmar o acôrdo com os radialistas. Os líderes da classe, temerosos de não conseguir levar à greve aquêles que já estavam beneficiados pelo aumento, tentaram promover a paralisação dos trabalhos apenas nas associadas (Tupi, Tamoio e Mayrink Veiga) e nas emissoras de televisão Tupi e Rio. Mas, numa brilhante manifestação de unidade e solidariedade, os radialistas beneficiados pelo aumento, inclusive os da Nacional, decidiram pela geral. Os líderes do Comando da Greve, entre os quais Helmicio Fróes e Carlos Frias, acataram a decisão da assembléia, e conduziram os radialistas à vitória, na primeira greve realizada pela categoria.

Radialistas concentrados em frente ao Ministério do Trabalho

NOVIDADES SOVIÉTICAS!

MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA, de P. Nikitih. 420 págs., enc., em espanhol.
Premiado em concurso de Manuais de Economia política, realizado pelo Instituto de Economia da Academia de Ciência da URSS.
Apenas: Cr$ 420,00

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, de M. Deborin. 647 pgs., enc. Antecedentes, curso, conclusão, e conseqüências. Amplas informações econômicas e políticas.
Cr$ 480,00

UN HUESPED DEL COSMOS, de vários autores. É possível a vida em outros planêtas.
Cr$ 230,00

Pedidos à:
Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
Rua dos Estudantes, 84 — Sala 2C
— SÃO PAULO —

Atendemos pelo Reembôlso Postal Pedidos acima de Cr$ 500,00 não pagam taxas postais.

LIVROS PELO REEMBÔLSO POSTAL

peça-os à
LIVRARIA DAS BANDEIRAS
Rua Riachuelo, 342 — loja 2 São Paulo

V. I. Lênin
— A DOENÇA INFANTIL DO "ESQUERDISMO" NO COMUNISMO 0,00
— O TRABALHO DO PARTIDO ENTRE AS MASSAS 250,00
— A ALIANÇA OPERARIO-CAMPONESA 600,00
— O ESTADO E A REVOLUÇÃO 250,00

Marx e Engels
— OBRAS ESCOLHIDAS — 1.º vol. (reedição) ...

Mao Tse-Tung
— OBRAS ESCOLHIDAS — 1º volume .... 7..,00

Revunenkov
— HISTÓRIA DOS TEMPOS ATUAIS ....

Rui Facó
— BRASIL SÉCULO XX .... 3..,..

OS ÚLTIMOS E MAIS IMPORTANTES LANÇAMENTOS DA EDITORIAL VITÓRIA

ATENDEMOS PRONTAMENTE

BRASIL-UNIÃO SOVIÉTICA: MÃOS DADAS PELA PAZ

Um comunicado lacônico, distribuído à imprensa pelo chanceler San Tiago Dantas, informava à Nação, no dia 24 de novembro:

"As 14 horas de hoje, em Brasília, foram restabelecidas, mediante troca de notas, na sede do Ministério das Relações Exteriores, as relações diplomáticas entre os Estados Unidos do Brasil e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os dois países trocarão Embaixadores Extraordinários e Plenipotenciários. Estiveram presentes ao ato os Presidentes das Comissões de Relações Exteriores do Senado e da Câmara dos Deputados".

Coroava-se, assim, uma luta de muitos anos das fôrças patrióticas e progressistas de nosso país. As relações do Brasil com a URSS, o grande país do socialismo triunfante, interrompidas por imposição dos trustes norte-americanos desde 1947, voltavam a normalizar-se. O fato assinala uma importante vitória do povo brasileiro e da causa da paz.

SAN TIAGO EXPLICA

Logo após a troca de notas diplomáticas (a nota soviética, assinada pelo ministro Andrei Gromiko, foi entregue pelo sr. Vitor Azov, chefe da Missão Comercial da URSS no Brasil) o Ministro das Relações Exteriores compareceu à Câmara dos Deputados, cuja tribuna ocupou, por três horas, a fim de comunicar o acontecimento aos deputados e fundamentar o ato do Govêrno.

O chanceler brasileiro acentuou, em sua exposição, entrecortada de apartes, sobretudo dois pontos:

1) a importância do restabelecimento de relações para a economia brasileira, que passa a contar a partir de agora com um nôvo e poderoso mercado; 2) a significação do ato para a causa da paz mundial, "que não se manterá no mundo de hoje, se o preço que tivermos de pagar por ela fôr o isolamento".

Afirmou o sr. San Tiago Dantas que a ampliação do comércio exterior do Brasil constitui uma necessidade vital para o país, sobretudo tendo-se em vista a taxa de crescimento demográfico, que chega nos últimos anos a 3,5%. Vender os nossos produtos a um mercado como o da URSS e dêle importar uma série de artigos de que precisamos para a nossa industrialização é importante passo na defesa de nossos interêsses nacionais.

Disse ainda o chanceler brasileiro, abordando o aspecto político do reatamento: "Quem, na verdade, desejar manter os povos isolados uns dos outros, sem contato, sem conversações, sem convivência, longe de estar trabalhando pela diminuição das dissensões internacionais e pela eliminação progressiva dos atritos, está trabalhando pela acumulação das resistências, dos ódios recíprocos, das incompreensões e pelo aumento consciente do risco de guerra. Dêsse dilema é que não parece possível ao Govêrno brasileiro escapar nos dias de hoje". E mais: "A paz, como já o disse uma vez na Câmara, tornou-se um ideal absoluto. E para defendermos êsse ideal, para fazermos com que a paz se consolide, se aprimore e deite raízes não se descobre outro modo senão o de conversar, o de debater, o de negociar. Creio que é dever de todo homem público desvendar aos olhos do povo que todo isolacionismo político, nos dias de hoje, é uma atitude belicosa".

APOIO MACIÇO

O restabelecimento de relações, que vinha sendo reclamado insistentemente por tôdas as fôrças progressistas do país, encontrou o apoio maciço da opinião pública. Na Câmara, as vozes isoladas que se levantaram contra, recorrendo aos pretextos mais pueris, foram abafadas pela aprovação da quase unanimidade dos parlamentares. Provocações esparsas, de um João Mendes ou Arruda Câmara, caíram inteiramente no vazio.

O grupo antidemocrático da Câmara — a chamada Ação Democrática Parlamentar, acaudilhada por conhecidos reacionários como João Mendes, Plínio Salgado e Dirceu Cardoso — tentou articular uma moção de desconfiança, a pretexto do restabelecimento de relações. O fracasso foi total. Pretendiam colhêr ao menos 50 assinaturas. Não conseguiram nem sequer ultrapassar a primeira dezena de signatários, tendo de desistir da moção e cobrindo-se de um fracasso vergonhoso.

No mais, a oposição ao reatamento ficou limitada aos ataques histéricos de Carlos Lacerda e às sandices de "O Globo" e de «O Estado de São Paulo».

AS EMBAIXADAS

No que se refere ao Brasil, sabe-se que o nome mais cotado para ocupar a nossa Embaixada em Moscou é o do sr. Vasco Leitão da Cunha, antigo representante brasileiro em Cuba. A indicação do nome do Embaixador do Brasil deverá ser feita ao Senado nos próximos dias.

Quanto à Embaixada soviética, segundo declarações feitas à imprensa, pelo sr. Vitor Azov, deverá ser instalada na Guanabara dentro de dois meses. Não se conhece ainda o nome do representante da URSS no Brasil.

GOVERNADORES: TRARÁ GRANDES BENEFÍCIOS

As mais representativas personalidades dos diversos círculos políticos, econômicos e culturais vêm se pronunciando em apoio ao ato do govêrno restabelecendo as relações diplomáticas com a União Soviética. Dentre êsses pronunciamentos destacam-se os dos governadores dos mais importantes Estados da federação.

Disse o governador Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul:

"O reatamento das relações diplomáticas com a URSS foi medida acertada e oportuna do govêrno brasileiro. Devemos manter relações com todos os povos. Como tese política, o reatamento de relações diplomáticas com a URSS foi um passo no sentido de nossa evolução."

O governador da Bahia, sr. Juraci Magalhães, declarou que "o reatamento de relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética foi ato de soberania, praticado pelo Poder competente, merecendo, em conseqüência, o apoio do povo brasileiro."

O sr. Celso Peçanha, governador do Estado do Rio, declarou, entre outras coisas: "Acho que o reatamento nos trará grandes benefícios, principalmente na parte econômica e também cultural."

O governador Mauro Borges, de Goiás, estranhou a celeuma levantada em alguns círculos, afirmando que "o reatamento não foi mais do que o epílogo de um trabalho que já havia sido feito. O reatamento de relações com a URSS constituiu uma reafirmação da autodeterminação do Brasil de manter relações com todos os países do mundo, sem, contudo, fazer, nenhuma concessão ideológica".

Disse o sr. Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais:

"Em mais de uma oportunidade manifestei meu pensamento favorável ao reatamento das relações do Brasil com a União Soviética. Considero que um país como o nosso, de grande extensão territorial e com uma população na casa dos 70 milhões de habitantes, com o desenvolvimento que tem e que se pretende seja cada vez maior, não pode deixar de ter relações com todos os povos do mundo. Sendo o Brasil uma nação adulta, que sabe o que quer, não devemos ter receio de que o simples reatamento de relações seja uma demonstração de simpatia pelo regime que domina a União Soviética. O que nos deve interessar é o comércio com todos os povos e o propósito de defender e proteger a economia brasileira. Agora, vamos ver qual o resultado proveitoso para o país das nossas relações econômicas e diplomáticas com a União Soviética. Faço votos para que o restabelecimento dessas relações possa redundar no aceleramento do nosso desenvolvimento econômico e, portanto, da emancipação do povo brasileiro."

O governador de São Paulo, sr. Carvalho Pinto, declarou:

"É um desenvolvimento natural da política adotada pelo Itamarati, desde o govêrno do ex-presidente Jânio Quadros, de estabelecer relações diplomáticas e comerciais com tôdas as nações. Esta decisão representa, sobretudo, uma contribuição do Brasil para um maior entendimento entre os povos, preservados, naturalmente, como já tenho declarado, os nossos interêsses econômicos e os da soberania nacional."

UNE E UBES: PROVA DE MATURIDADE

A União Nacional dos Estudantes e a União Brasileira dos Estudantes Secundários, entidades que vinham há muito lutando pela normalização de nossas relações com os países socialistas, enviaram telegramas ao chanceler San Tiago Dantas congratulando-se com o govêrno pelo restabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética. A mensagem, assinada pelos presidentes das duas organizações estudantis — Aldo Arantes e Jarbas Santana — define o ato como "prova de maturidade política do povo brasileiro, pela superação dos preconceitos e pela promoção da solidariedade entre os povos".

Também o Instituto Cultural Brasil-URSS, pelo seu presidente, o pianista Arnaldo Estrêla, enviou telegrama ao presidente João Goulart e ao primeiro-ministro Tancredo Neves, aplaudindo a iniciativa do govêrno. "O povo brasileiro — diz a mensagem — poderá conhecer melhor importantes conquistas culturais da humanidade até então obscurecidas pelas dificuldades de intercâmbio com aquêle país".

SINDICATOS SAÚDAM O REATAMENTO

As organizações sindicais dos trabalhadores, que foram um dos mais importantes baluartes na luta pelo reatamento de relações com a URSS começam a manifestar ao govêrno seu decidido apoio em face da normalização dessas relações.

O Sindicato dos Empregados de Edifícios da Guanabara enviou mensagem ao presidente João Goulart «congratulando-se pela concretização do tão esperado retamento das relações diplomáticas com a grande nação socialista».

De São Paulo, os operários de São Caetano, representados pelos sindicatos dos metalúrgicos, têxteis e construção civil, aprovaram, em recente concentração, a seguinte moção: «Os trabalhadores de São Caetano do Sul, em concentração promovida pelos sindicatos, no Jardim Primeiro de Maio nesta cidade, apóiam o reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética compreendendo que só trará benefícios ao povo brasileiro esta medida se forem intensificadas as relações comerciais e culturais entre o povo brasileiro e o povo soviético»

BRASIL ESTÁ AGORA NA LISTA DE 72 PAÍSES

Entre os dezoito países mais populosos do mundo, o Brasil era até a semana passada, o único a não manter relações normais com a União Soviética. Agora, o Brasil é 72º país a estabelecer relações diplomáticas com a URSS — países que totalizam uma população de 2 bilhões e 200 milhões de pessoas, da população total do mundo, que é hoje de 2 bilhões e 900 milhões de habitantes.

Segundo lista fornecida pelo Itamarati, a União Soviética mantém relações com os seguintes países, figurando a população em milhares de habitantes

Afeganistão, 1.556; Alemanha Ocidental, 54.996; República Democrática Alemã 16.213; Arábia Saudista.... 6.036; Argentina, 20.614; Austrália, 10.061; Áustria, 7.049; Bélgica, 9.104; Birmânia, 20.457; Bolívia, 3.416; Bulgária, 7.798; Cambodja, 4.845; Canadá, 17.442; Ceilão, 9.612; República Popular Chinesa, 669.000; Chipre, 558; Congo (Leopoldville), 13.721; Coréia do Norte, 8.100; Cuba, 6.599; Dinamarca, 4.547; Egito, 23.536; Estado Unidos, 177.770, Etiópia, 21.800, Filândia, 4.416; França, 45.097; Gana, 6.691; Grã-Bretanha, 52.157; Grécia, 8.258; Guiné, 2.772, Hungria, 9.953; Iêmen 4.500; Índia, 402.600; Indonésia .. 90.300; Irão, 20.149; Iraque 6.592; Islândia, 172; Israel, 2.061; Itália, 49.052; Iugoslávia, 18.448; Japão, 92.740; Laus, 1.760; Líbano 1.600; Líbia, 1.170; Libéria, 1.250 Luxemburgo, 324; Mali ..... 4.300; Marrocos, 10.550; México, 33.304; Mongólia .... 1.057; Nepal, 550, Noruega, 3.556; Países Baixos 11.346; Paquistão, 86.823; Polônia, 29.257; República Centro-Africana, 1.185; Romênia, 18.526; Síria, 4.539; Somália, 1.990; Sudão, 11.459; Suécia, 7.454; Suíça 5.240; Tailândia, 21.881; Tcheco-eslováquia, 13.559; Togo .... 1.100; Tunísia, 3.935; Turquia, 26.881, Uruguai 2.700 e Vietnã do Norte, 15.170.

AZOV: URSS VAI COMPRAR E VENDER MAIS

Esclarecendo que a missão Comercial Soviética Permanente no Brasil, de que é o chefe, continuará o seu trabalho, com o restabelecimento das relações diplomáticas, o sr. Vitor Azov declarou à imprensa:

"Não há dúvida de que o reatamento facilitará o nosso trabalho. Até o momento, compramos 20 mil toneladas de café e enviamos para o Brasil 200 mil toneladas de óleo cru. Entre os produtos que a União Soviética irá comprar ao Brasil estão café, algodão, couros, laranja, sisal, óleo e oiticica e, mais tarde, produtos da indústria brasileira."

O sr. Azov acrescentou que está tomando providências para ver se é possível a exibição do selecionado soviético de futebol no Brasil. "Seria — disse — uma excelente maneira de festejar o reatamento de relações entre os nossos países, pois é enorme a popularidade do futebol tanto no Brasil como na União Soviética".

BRASILEIROS FESTEJAM EM KIEV

O **Correio da Manhã** do dia 23 publicou a seguinte correspondência especial, mandada pelo seu redator Janos Lengyel que, juntamente com vários outros jornalistas brasileiros, se encontra nesse momento na União Soviética, a convite da União dos Jornalistas da URSS:

"MOSCOU, 24 (De Janos Lengyel, nosso enviado especial) — A notícia oficial do reatamento das relações diplomáticas do Brasil com a URSS foi publicada hoje na **Pravda** e anunciada pelo rádio. O comunicado causou repercussão em tôda a União Soviética. A delegação de jornalistas brasileiros que ora visita Kiev recebeu manifestações de todos os setores da população. O repórter visitava o Hospital Distrital de Darlitza quando foi feito o anúncio. O regozijo foi geral e o corpo médico abriu champanha em homenagem ao Brasil."

FLN: MOÇÃO DE APLAUSO

Em reunião realizada em Brasília, a Junta Dirigente da Frente de Libertação Nacional, com a participação de 14 deputados federais e dos governadores Leonel Brizola e Mauro Borges, o presidente da UNE, acadêmico Aldo Arantes, e o coronel Oscar Gonçalves Bastos, do Movimento Nacionalista, aprovou uma moção de aplauso ao govêrno pelo seu ato restabelecendo as relações com a URSS. A moção foi transmitida, por telegrama, ao primeiro-ministro Tancredo Neves e ao chanceler San Tiago Dantas. Diz o seguinte:

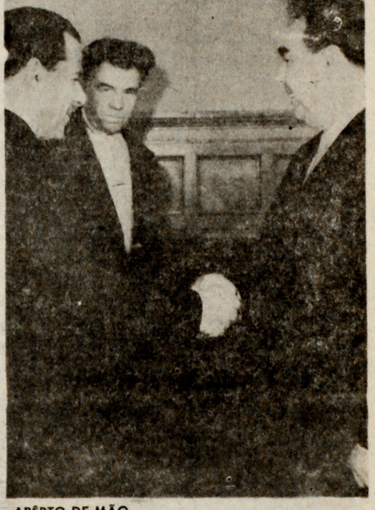
"No momento em que o govêrno da República começa a concretizar uma política exterior independente, no sentido de manter relações diplomáticas com todos os países, a Frente de Libertação Nacional apresenta congratulações a V. Excia., fazendo votos de que prossiga a patriótica orientação."

FPN APÓIA: ATO DE SOBERANIA

A Frente Parlamentar Nacionalista, logo no dia seguinte ao restabelecimento de relações com a URSS, divulgou um manifesto de integral apoio ao ato do govêrno. O documento foi lido da tribuna da Câmara pelo deputado Euzébio Rocha. Diz o manifesto:

"Com a nova política do Brasil criamos não só condição para um maior desenvolvimento econômico, mas também para a eficiência do papel que pretendemos desempenhar no plano internacional. O ato que acaba de praticar nosso govêrno nos propicia entendimentos diretos com mais uma potência, com a qual 72 países mantêm relações diplomáticas, inclusive, e principalmente, poderosos Estados do bloco ocidental".

A FPN assinala, por fim, que tudo continuará a fazer no sentido do fortalecimento da soberania nacional, para o que — afirma o manifesto — "não lhe faltarão coragem, determinação e espírito de luta".



APÊRTO DE MÃO

Em dezembro último, o sr. João Goulart visitou a União Soviética a convite do Soviete Supremo. Na ocasião, o sr. João Goulart, então vice-presidente, foi recebido (foto) por L.I. Brezhnev, presidente do Soviete Supremo da URSS.

Prestes a Jango Sôbre o Reatamento Com a URSS

A propósito do ato do govêrno brasileiro reatando as relações diplomáticas com a União Soviética, o camarada Prestes enviou ao sr. João Goulart, presidente da República, o seguinte telegrama:

«Exmo. sr. Dr. João Goulart, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.

Palácio do Planalto,
Brasília.

Em nome dos Comunistas, e certos de expressar um sentimento comum aos trabalhadores e a todos os brasileiros progressistas, apresentamos a V. Exa. calorosos aplausos por motivo do reatamento de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética.

Há muito reclamado pelos interêsses nacionais e pelos imperativos da paz e da convivência fraternal entre os povos, êste ato abre diante de nosso país amplas possibilidades para a expansão do comércio exterior e o fortalecimento de sua economia, bem como para a realização de uma política externa independente, orientada no sentido da salvaguarda da paz.

Que o reatamento de relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética seja ponto de partida para o estreitamento sempre maior de relações soberanas, pacíficas e amistosas entre os dois Estados e os dois povos, no interêsse do seu progresso econômico e cultural e da [illegible] da paz em todo o mundo.

Respeitosamente,

Luiz Carlos Prestes.

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1961»

Wilmar Dias Adverte: Agressão a Cuba Será Uma Agressão a Tôda a América Latina

BRASÍLIA (do Correspondente) — "Advirto as altas autoridades da República e o nobre e altivo povo brasileiro sôbre a gravidade da denúncia feita pela chancelaria cubana. Que ninguém tenha dúvidas: se a agressão denunciada se verificar, os demais povos da América Latina, entre êles o Brasil, estarão também sendo agredidos. E todos saberão dar ao agressor ou agressores a resposta devida" — afirmou o deputado Wilmar Dias (PSD de Santa Catarina) da tribuna da Câmara Federal denunciando a iminência de uma nova agressão imperialista contra o povo cubano.

Disse o deputado Wilmar Dias:

"O Ministério das Relações Exteriores recebeu do Govêrno Revolucionário de Cuba, com data de 9 de outubro último, uma nota diplomática para cuja importância e gravidade desejaria chamar a atenção desta Casa.

Denuncia-se, nessa nota, a iminência de uma nova agressão contra o povo cubano, estimulada, financiada, armada e dirigida, tal como a fracassada invasão de abril último, pelo Govêrno dos Estados Unidos da América. Não se trata, como o demonstra o texto da nota, de uma acusação leviana ou imaginária. Ao contrário, o documento expedido pelo Govêrno cubano arrola uma vasta série de fatos concretos — até agora não contestados — provando que febris preparativos para uma nova agressão estão em curso, tanto no território metropolitano dos Estados Unidos, como em alguns países da América Latina.

Alerta o Govêrno cubano, que, além da incessante campanha visando ao isolamento político de Cuba em face das demais nações do Continente, campanha cujos pontos mais altos foram, recentemente, a iniciativa do Peru junto à OEA e a torpe invenção de um *complot* dirigido por Fidel Castro contra o Presidente Frondizi, está sendo intensificada, nas últimas semanas, a preparação militar para o segundo ataque ao território de Cuba.

Nesse sentido, revestem extrema gravidade alguns dos fatos expostos na nota do Govêrno Cubano.

Eis alguns dêles:

a) — grupos de exilados contra-revolucionários cubanos estão sendo alistados, desde julho, nas fôrças armadas norte-americanas;

b) — o Govêrno da Guatemala recrutou mais de 600 homens de várias nacionalidades, entre êles avultado número de contra-revolucionários cubanos, no exército regular guatemalteco, entregando a chefia dêsses soldados mercenários a Eleutério Pedraza, um dos mais odiados agentes da tirania do Govêrno de Batista, ex-ditador de Cuba;

c) — essas fôrças estão concentradas em diferentes acampamentos, inclusive a fazenda «LA ROSA», pertencente a um parente do Presidente da Guatemala;

d) — outros grupos contra-revolucionários estão sendo adestrados na Nicarágua, na fazenda «MONTELIMAR», de propriedade do Presidente Somoza, assim como no Campo de Marte e em Puerto Cabeza;

e) — na zona de ocupação norte-americana do canal de Panamá, mais de 500 paraquedistas estão sendo preparados para o mesmo fim, em acampamentos aparelhados com material bélico de procedência norte-americana;

f) — na República Domi.

(Conclui na 7.ª pág.)

Nota Econômica

Josué Almeida

Gatt, protecionismo e livre-cambismo

Ultimamente, têm aparecido na imprensa brasileira notícias e comentários sôbre a presente reunião do GATT e indicações, mais ou menos vagas, da posição que deve ser ou que seria assumida pela delegação brasileira. A importância do problema reside em que o GATT é um organismo que exerce decisiva influência no comércio internacional entre os países capitalistas e, como se sabe, nos projetos existentes de desenvolvimento da economia brasileira a êsse ramo do comércio cabe um papel relevante.

O GATT é um organismo internacional criado em 1948 com o objetivo de promover a redução substancial das tarifas aduaneiras e de quaisquer restrições ao comércio, assim como a extinção das chamadas preferências comerciais e, com isso, alcançar o aumento da produção e do intercâmbio entre os seus membros. A sigla GATT provém da denominação, em inglês, do organismo internacional: «General Agreement on Tariffs and Trade» (Acôrdo Geral sôbre Tarifas Aduaneiras e Comércio). A criação do GATT deu-se quatro anos depois da conferência de Bretton Woods, quando foram criados outros dois famigerados organismos internacionais, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento. Em essência, podemos dizer que os reais objetivos da criação do GATT consistem em complementar, no domínio do comércio, a política imperialista de espoliação e de perpetuação do atraso dos países subdesenvolvidos que o FMI e o BIRD defendem e aplicam.

Na história do capitalismo está longe de ter sido uma constante a política de redução das tarifas aduaneiras e de abolição de restrições ao comércio — lemas que o GATT [illegible] em seu estandarte. Pelo contrário, o protecionismo e livre-cambismo se tem [illegible] históricamente, segundo os interêsses concretos de cada país numa determinada etapa. A escola mercantilista, criadora da primeira doutrina econômica burguesa — o mercantilismo — apareceu num momento em que a burguesia inglêsa (depois a francesa e também a holandesa) procurava firmar suas posições na luta contra o feudalismo dominante. O grande representante do mercantilismo inglês — Thomas Mann (1571-1641) —, que foi um destacado comerciante e diretor da Companhia das Índias Ocidentais, embrião das sociedades anônimas, escreveu que «o método normal para aumentar a nossa riqueza (isto é, a riqueza da Inglaterra) e os nossos tesouros é o comércio com o estrangeiro, no qual deveremos sempre adotar uma posição tal que cada ano vendamos aos estrangeiros nossas próprias mercadorias por uma soma maior do que aquela que pagamos pelas suas». Se confrontarmos o que escreveu Thomas Mann com o que fazem hoje os países imperialistas, que dominam o GATT, veremos que nada mudou sôbre a luz do sol... Ao lado dessa concepção e à medida que o capitalismo se desenvolvia, os mercantilistas, como legítimos representantes da burguesia em ascensão passaram a reclamar dos seus governos medidas de proteção ao desenvolvimento das indústrias nacionais. Criaram-se os prêmios de exportação, e, principalmente, os direitos de importação pelos quais se encareciam as mercadorias de origem estrangeira vendidas no país. O conjunto dessas medidas, além de outras, compõe a política chamada de protecionismo.

Para a Inglaterra dos séculos XVI e XVII, essa política teve enorme importância, protegendo sua nascente indústria da concorrência das manufaturas mais aperfeiçoadas da Holanda. Mas, a partir do momento em que a Inglaterra alcançou a primazia industrial no mundo no século XVIII, as idéias protecionistas começaram a sofrer severo bombardeio e, em vez delas, passou a ser pregado o chamado livre-cambismo, isto é, o comércio sem peias nem entraves — o livre choque dos potes de barro e de ferro — o mesmo de que hoje falam os Estatutos do GATT.

Alternativas semelhantes puderam, depois, ser observadas em quase todos os outros Estados à medida que os minúsculos mercados feudais se iam agrupando no processo de constituição dos modernos Estados nacionais. Assim foi na França, na Alemanha, etc. Assim foi também nos Estados Unidos relativamente até há bem pouco tempo.

A criação do GATT foi fruto da luta entre essas duas concepções antagônicas do comércio, impondo-se o ponto de vista dos mais fortes, principalmente dos imperialistas norte-americanos, como veremos no próximo comentário.

Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Nestes últimos oito dias houve em nossa vida política um fato altamente positivo: o restabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética. O rompimento dessas relações e a resistência ao reatamento representaram concessões vergonhosas do govêrno brasileiro à pressão imperialista. O pretexto adotado para o rompimento, desordem cometida por um diplomata pau-dágua em Moscou, cobriu nosso país de ridículo, de um ridículo que dificilmente poderia ser supervisionado por um presidente de República que não fôsse o misantrópo Eurico Dutra, o mais taciturno dos estadistas produzidos, em dois mil anos de esforços, pela civilização ocidental e cristã.

—oOo—

Hoje, está aí, o reconhecimento. Foi recebido favoràvelmente pelas fôrças econômicas e políticas. Servirá como ponto de partida para uma mudança em nossa política externa. As relações com a União Soviética, além de seus benefícios diretos, nos terrenos econômico, político e cultural, reforçarão a posição do Brasil junto a outros mercados. Servirão para atenuar a situação desfavorável em que ainda nos encontramos, com cêrca de cinqüenta por cento de nosso comércio externo concentrados nos Estados Unidos. Uma espécie de monopólio.

—oOo—

Devemos voltar as vistas para outros mercados. Não só do mundo socialista, como o da China. Assim também nos países que na África e na Ásia conquistaram recentemente a independência. Na África temos, ao lado das relações comerciais, uma grande obra a realizar. É o trabalho de restauração e reforçamento, na cultura brasileira, da influência africana. Sabe-se que os navios negreiros trouxeram para o Brasil africanos procedentes de países culturalmente desenvolvidos. Formaram-se núcleos dêsses colonizadores forçados, principalmente na Bahia. A opressão dos senhores de escravos não conseguiu apagar por completo as influências dessa contribuição à formação de nossa nacionalidade. Há pouco tempo, há meses, iniciou-se um intercâmbio cultural entre o Brasil e algumas nações da África Negra. Temos professôres brasileiros em universidades africanas. Há professôres africanos em universidades brasileiras. Esse intercâmbio deve ser multiplicado. Precisa ser estendido a outros setôres.

—oOo—

No que se refere à política externa, saímos um pouco do círculo traçado no chão a carvão, dentro do qual dançávamos a dança do peru.

—oOo—

As resistências ao incremento de nossas relações com o mundo socialista e com os povos que recentemente conquistaram a independência serão cada vez mais [illegible]tes. O número dos que cedem à retrógrada pressão isolacionista será cada vez menor.

Experiências da Campanha Pelo Registro do PCB

Theodoro de Mello

O êxito que vem alcançando a campanha pelo registro eleitoral do Partido Comunista Brasileiro atesta, de maneira irrefutável, que o povo exige o reconhecimento do direito de existência legal ao partido político da classe operária. A campanha já foi oficialmente lançada em várias Capitais e cidades importantes do país, centenas de personalidades representativas das mais diversas classes e setores sociais se têm solidarizado publicamente com o movimento. Mais de 40 mil assinaturas de eleitores já foram recolhidas até a primeira quinzena dêste mês, segundo imformações de apenas alguns Estados. Nem as campanhas difamatórias do anticomunismo profissional nem as pressões policiais e econômicas conseguem mais enganar ou intimidar o povo. Ele já compreende que não pode haver democracia onde é negado aos comunistas o direito de se organizarem em partido próprio; mais do que isto, êle já compreende que o Partido Comunista é uma necessidade para o país, onde a luta pelo progresso social exige a presença atuante do partido que expressa os interêsses, as idéias e a ação das fôrças mais avançadas da sociedade moderna.

O registro dêste fato é uma satisfação para todos aquêles que participam da campanha pelo reconhecimento do Partido Comunista. Especialmente para os que se empenham na coleta de assinaturas, êle representa um poderoso estímulo ao trabalho e conduz a uma ampliação considerável de suas perspectivas políticas.

Pelo lugar que ocupa no conjunto da campanha, particular atenção deve ser dada à coleta de assinaturas de eleitores. A conquista do registro eleitoral do Partido Comunista não está na dependência, apenas, do cumprimento de formalidades legais; êle depende, fundamentalmente, da derrota política, pela pressão de massas, das fôrças reacionárias que a êle se opõem. Por isso mesmo, apresentar-se diante do Superior Tribunal Eleitoral com um grande número de assinaturas, o dôbro ou o triplo das 50 mil exigidas por lei, representará importante meio para contrabalançar e anular a ação daquelas fôrças.

O trabalho até agora realizado fornece um campo bastante rico para observações, embora a campanha se tenha iniciado há poucas semanas apenas. Principalmente a coleta de assinaturas tem contribuído com uma soma tal de experiências que já se pode esquematizá-las para um melhor aproveitamento por todos. Êste o nosso objetivo aqui.

O primeiro grupo de experiências relaciona-se com a maneira de lançar a campanha, que deve ser bem planejada e debatida com todos os seus integrantes. Pode-se afirmar, com base nos fatos, que o êxito na coleta de assinaturas tem ocorrido ali onde houve uma boa preparação do trabalho. Mobilizar o maior número de ativistas, prepará-los política e tècnicamente para a tarefa, lançar a campanha em atos públicos expressivos e realizar um permanente trabalho de propaganda — tais são os fundamentais a que deve visar a preparação.

Particularmente a preparação política e prática para a coleta de assinaturas merece especial atenção. Ao ativista precisam ser fornecidos os elementos de convicção política da campanha, tais como as razões a serem apresentadas ao eleitor, as condições objetivas favoráveis ao êxito de sua tarefa, e outros mais. A experiência tem demonstrado que uma argumentação convincente produz sempre resultados positivos, até mesmo quando o eleitor, por motivos particulares, não dá sua assinatura às listas.

O segundo grupo de experiências diz respeito ao modo de realizar a coleta de assinaturas. Tôdas as formas já conhecidas devem ser utilizadas, tais como as mesinhas em pontos de concentração de massas, comícios e outros atos públicos, coleta individual nos locais de trabalho, etc. A forma, porém, mais eficiente tem sido a dos comandos de casa em casa. As mesinhas e outros processos de coleta pública possuem a evidente vantagem de colocar a campanha na rua, constituindo êles próprios excelentes meios de agitação e propaganda. Entretanto, os resultados em número de assinaturas têm sido pequenos, devido a dois fatôres negativos: o receio que muitos eleitores ainda têm de emprestar publicamente seu apoio ao registro do Partido Comunista, embora êste não o comprometa em nada com o Partido, conforme deixa claro a própria lei eleitoral; e o fato de que as pessoas geralmente não trazem consigo o título eleitoral, quando em trânsito pelas ruas. Já os comandos de casa em casa eliminam inteiramente êsses dois fatôres negativos e ainda possibilitam um trabalho de esclarecimento muito mais profundo. Além de assinaturas, êle proporciona também resultados políticos diradoiros, entre os quais um melhor esclarecimento do eleitor e adesões às fileiras dos comunistas.

Vinculada a essa forma, e também de resultados seguros, está a coleta de assinaturas entre parentes e amigos. Embora naturalmente limitada quanto ao número, ela dá, no entanto, resultados práticos imediatos, servindo de estímulo e mesmo de campo de treinamento para o ativista.

Isto significa que a campanha deve utilizar tôdas as formas de coletar assinaturas, mas precisa assegurar o emprêgo em larga escala dos comandos de casa em casa como o instrumento eficiente para assegurar e aprofundar seu êxito político.

Finalmente, o contrôle sistemático do trabalho e a troca de experiências têm-se revelado uma das condições para o bom andamento da campanha. Aspecto inseparável de tôda ação realmente planificada, os resultados maiores ou menores alcançados até agora pela campanha estão diretamente relacionados com o melhor ou pior trabalho de contrôle exercido pelas direções da campanha. Reuniões semanais dos grupos locais de ativistas e reuniões periódicas de ativistas destacados da Capital e do Interior se firmaram como as formas mais eficientes de contrôle e o melhor meio para uma troca proveitosa de experiências.

Tais são os principais ensinamentos que a campanha de massas pelo registro eleitoral do P.C.B. vem propor-

ADVOGADO CUBANO AO «DIÁRIO CARIOCA»

«POR QUE SE CALARAM QUANDO BATISTA ASSASSINOU VINTE MILCUBANOS?»

«Não sabemos se o **Diário Carioca** chamou Batista de mais sanguenta tirania que o novo mundo já conheceu» quando sua polícia invadiu a embaixada do Haiti em Havana e assassinou vários cubanos que lá se encontravam asilados» — assinala o advogado René Anillo, em carta dirigida àquele matutino, em 12 de outubro último, e não publicada.

Nessa missiva, o advogado cubano, residente no Rio, tece considerações em tôrno de comentário publicado pelo DC, sôbre a negativa do Supremo Tribunal Federal do Brasil de conceder extradição de um policial de Batista, que cometeu numerosos delitos, inclusive o assassinato de revolucionários.

Escusando-se de comentar a decisão do STF, o dr. René, no entanto, mostra com clareza a parcialidade do «Diário», citando vários crimes de Batista, Trujillo e dos norte-americanos, que não mereceram o protesto do jornal.

Depois de referir-se à afirmação do DC, de que o govêrno cubano não respeita os princípios gerais do Direito, pergunta o missivista:

— «Quem se apiedou dos vinte mil cubanos assassinados por Batista? Quem se apiedou das nossas cidades e de nossa população camponesa submetidos à pirataria dos foguetes e dos aviões norte-americanos?»

E acrescenta:

— «O direito dos camponeses à terra, dos operários ao fruto de seu trabalho; dos intelectuais à criação; dos analfabetos a saber ler e escrever; das mulheres à verdadeira igualdade; dos negros a uma vida sem a odiosa discriminação; do povo às suas riquezas, são os princípios que regem Cuba.»

Prossegue afirmando que o «Govêrno Revolucionário de Fidel Cubano tem o dever de preservar a soberania e a independência nacionais, sem temores ou vacilações frente aos que querem fazer Cuba voltar ao passado». «Como se deve castigar — pergunta ainda — aos traidores que servem a um país estrangeiro, que agride e conspira abertamente, aos olhos da civilização, contra um país pequeno, somente para defender os direitos da United Fruit, da Electric Bond and Share, de Rockfeller e da ITT, de recuperar seus privilégios?»

E conclui:

— «A cada mentira, a cada agressão, nosso povo renova o grito de «Pátria ou Morte!». A vitória será nossa, não o duvide o sr. Diretor. A Revolução Cubana é irreversível. Cuba não voltará a ser uma colônia do govêrno imperialista dos Estados Unidos».

Prestes em Paris Visita «L'Humanité»

PARIS (Do Correspondente) — De passagem por Paris, Luís Carlos Prestes, dirigente comunista brasileiro, visitou a redação de "l'Humanité", orgão central do Partido Comunista Francês. Prestes, em sua breve visita ao diário parisiense, quis externar sua homenagem à imprensa operária francesa e testemunhar a simpatia, amizade e solidariedade dos trabalhadores brasileiros a seus camaradas da França.

Noticiando em primeira página a visita de Prestes, "l'Humanité" escreve; "O Brasil não é sòmente o país do café e dos mágicos do futebol. Foi, há algumas semanas, teatro de acontecimentos que forneceram a imprensa mundial, escrita ou falada, manchetes sensacionais. Quadros, o homem da vassoura, eleito por uma maioria esmagadora à Presidência da República, do dia para a noite renunciou às suas funções e abandonou o país. O Brasil havia se encontrado às portas da guerra civil.

"Carlos Prestes resumiu a nosso pedido a significação dêstes acontecimentos. "Tratava-se — disse-nos êle — de uma tentativa, apoiada pelo imperialismo norte-americano, de deter o movimento democrático em progressão contínua. Mas o povo também se ergueu e fêz malograr o golpe de Estado. Impôs a posse, de acôrdo com a Constituição, de João Goulart na Presidência, o que não queriam os ministros militares. Manifestações de massa de grande amplitude tiveram lugar em todo o país e, de fato notàvelmente importante, a classe operária recorreu à greve política".

Acrescentou Prestes que no Estado do Rio Grande do Sul "a luta se revestiu de formas políticas particularmente elevadas. Milícias patrióticas foram organizadas e ràpidamente se reuniram 300 mil voluntários que reclamavam armas para defender a legalidade. Também em Goiás se constituíram milícias".

Prestes salientou que a combatividade das massas populares brasileiras atingiu a um nôvo nível mais elevado. O país conheceu, depois, numerosas e importantes greves econômicas, tôdas vitoriosas. Tornou-se mais viva a aspiração de independência.

Na foto, da direita para a esquerda, Henri Guion, redator-chefe de *l'Humanité*, Ettiene Fajon e Prestes.

Fracionistas Expulsos:

Joaquim Alves e José Duarte

Recebemos, com pedido de publicação:

«Os comunistas da capital de São Paulo comunicam que os indivíduos Joaquim Alves, ex-diretor executivo do jornal «Terra Livre», e José Duarte, não mais pertencem às fileiras do movimento comunista, das quais foram expulsos por realizarem atividades divisionistas e contrárias aos interêsses da classe operária e do povo. A atividade dêsses indivíduos deve merecer, pois, a mais viva repulsa de todos os comunistas, amigos e simpatizantes.»

Teoria e Prática

Apolônio de Carvalho

As teorias burguesas sôbre a luta de classes

III

Resta a lenda da diluição da burguesia e da propriedade privada. E' verdade que, sob a ação da lei geral da acumulação capitalista, a burguesia vem reduzindo, de certa forma, seus efetivos. Mas êsses efetivos relativamente reduzidos concentram em suas mãos o grosso das riquezas existentes e subordinam a seus interêsses e objetivos o conjunto da economia e da população.

Ao contrário do que afirmam os ideólogos burgueses, a propriedade não se torna "uma espécie de terra de ninguem", nem se dilui ou subordina à expansão do monopólio de Estado. A vida mostra que, como nunca, a propriedade dos meios essenciais de produção está nas mãos ávidas dos grandes capitalistas e deve-lhes seu domínio econômico e político. Apenas, com o desenvolvimento da produção, ela passa a compreender três tipos diferentes: a propriedade não monopolista; a propriedade monopolista; e a propriedade do Estado.

A primeira engloba a maioria das emprêsas existentes, mas seu peso específico é relativamente pequeno, no total da produção e dos lucros. No Brasil, por exemplo, em 211.000 emprêsas industriais, 99% ou sejam, 209.000 — receberam, em 1960, apenas 32% do lucro total. O grosso da renda foi para as mãos da minoria dona das maiores emprêsas e, em particular, dos trustes norte-americanos.

No conjunto da economia capitalista, a propriedade e a potência dos monopólios ocupam a posição dominante. Nos Estados Unidos, por exemplo, 135 emprêsas monopolistas controlam a metade da produção industrial. Na Inglaterra, todo o capital existente pertence a apenas 1% da população. Na França, em meio milhão de uniões monopolistas, 1.500 dominam tôda a circulação de riquezas.

Uma parte da economia capitalista está, hoje, sob a forma de monopólio de Estado. Como regra, porém, nos países desenvolvidos, os monopólios estatais servem e reforçam as posições do capital privado monopolista. Além disso, seu peso e sua influência, no conjunto da economia, variam de país para país. A parte do Estado no total das inversões é, por exemplo, de 38,5% na Itália, de 30% na França, de 21%, na Inglaterra, de 14% na Alemanha Ocidental. Mesmo no Brasil, onde o monopólio de Estado tem características especiais e origens diversas em seus vários setores, sua esfera de ação varia — de 100% nos transportes ferroviários a 47% na indústria siderúrgica e a 10%, apenas, na indústria química nacional. O resto está em mãos do capital particular brasileiro, dono já de 62% da indústria de máquinas, 36% da indústria siderúrgica, do conjunto da indústria textil de celulose e de papel, etc., e, sobretudo, nas mãos dos monopólios estrangeiros que dominam ainda postos-chave de nossa economia e ditam sua vontade em setores como energia elétrica, automóveis, pneumáticos, frigoríficos, indústria química e farmacêutica, extração de minérios, distribuição de derivados de petróleo, exportação de café, beneficiamento e exportação de algodão.

Como se vê, a propriedade capitalista não se diluiu, mas concentra-se e reforça-se. E são as próprias estatísticas burguesas que deitam por terra os mitos do nivelamento das classes, da mobilidade social, da diluição da propriedade e da classe dos capitalistas "no corpo homogêneo e crescente das classes médias".

Na verdade, já não existem teorias burguesas sôbre a *luta de classes*. Elas existiram no passado, com as doutrinas dos economistas ingleses do período clássico e dos historiadores franceses da época da Restauração. A burguesia era, então, uma fôrça social revolucionária; e necessitava da luta de classes econômica, política e ideológica — para guindar-se ao Poder político. Também já não há teorias burguesas sôbre as *classes*, há "doutrinas" destinadas a esconder as causas profundas das diferenças sociais e a mascarar os antagonismos de classes, na sociedade burguesa.

Na realidade, desde a lenda do "capitalismo popular" até os apêlos ao bom-senso da "Mater et Magistra" — existem apenas tentativas de retardar a marcha da história, sob a bandeira da paz de classes e da concórdia social.

APRENDA RUSSO

BREVE MANUAL DE LÍNGUA RUSSA

de Nina Potapova

Editado em Moscou

Em Português (encadernado)

À venda nas livrarias — Cr$440,00

Pedidos à

Editorial Vitória Limitada

Caixa Postal, 165 — Rio de Janeiro/Guanabara

Atendemos pelo Reembôlso Postal

A Frente de Libertação Nacional e os Sindicatos

Nilson Azevedo

A estruturação da Frente Nacional teve ampla repercussão entre os trabalhadores e, em particular, entre os líderes sindicais de todo o país. Surgida como exigência necessária do crescente processo de luta pela emancipação nacional, a FLN tende a reunir em seu seio todos aquêles setores da atividade brasileira que se debatem, ainda isoladamente, resistindo ao processo de espoliação imperialista e reclamando do govêrno as reformas necessárias aos interêsses nacionais.

Já nos acontecimentos que culminaram com a posse do presidente João Goulart, essas fôrças chegaram a uma polarização parcial, o que foi suficiente para impor uma considerável derrota aos golpistas, que pretenderam submeter o país a um govêrno de fôrça reacionária, capaz de reprimir os anseios de emancipação nacional e de executar abertamente a política exigida pelos imperialistas norte-americanos.

Refletindo os seus próprios interêsses, que se confundem com os mais legítimos interêsses da grande maioria da população brasileira, os trabalhadores das cidades e dos campos tiveram participação saliente naqueles acontecimentos. Muitos sindicatos se transformaram em centros de resistência democrática, participando abertamente da luta política pela defesa das liberdades e da Constituição. Quebrava-se, mais uma vez, naquele momento, o tabu do apoliticismo no movimento sindical. Da boa política, da melhor política, participaram as entidades sindicais, colocando-se à frente dos trabalhadores, conclamando-os e levando-os à luta em defesa da legalidade, ao lado dos demais setores patrióticos e progressistas da nação.

Como parte integrante daquele conjunto de fôrças que se opôs vitoriosamente à pretensão dos golpistas, o movimento sindical brasileiro está chamado a continuar a luta, que agora se desenvolverá organizadamente, através da Frente de Libertação Nacional, instrumento capaz de congregar tôdas as camadas sociais interessadas e decididas a conquistar as reformas de base pelas quais pugnam, há muito.

Alguns líderes sindicais, entretanto, mostram-se preocupados com o problema da filiação dos sindicatos à Frente de Libertação Nacional. Partindo das restrições impostas ao sindicalismo pela Consolidação das Leis do Trabalho, êsses dirigentes sindicais julgam não ser prudente filiar os sindicatos a uma instituição de caráter político, como a FLN.

Êsse, entretanto, achamos nós, não é o problema fundamental. A filiação é um ato formal. O que importa, isso sim, é a efetiva participação do movimento sindical na luta pelas reformas de base a que se propõe a Frente de Libertação Nacional, e que, de modo geral, coincidem com as resoluções dos congressos, conferências e convenções sindicais de caráter local, regional e nacional que se realizaram no Brasil, nestes últimos anos.

Na verdade, muito antes da Declaração de Goiânia, já os trabalhadores brasileiros, através de suas entidades de classe, conciliaram que infrutífera seria a sua luta, se limitada ficasse aos estreitos caminhos das reivindicações salariais, e dos apêlos patéticos ao patronato e ao Ministério do Trabalho, para a solução dos seus problemas de assalariados. Os líderes sindicais compreenderam que a solução dos problemas dos trabalhadores não estão possível sem a modificação da atual estrutura econômica e política do país, sem a realização das chamadas reformas de base; reclamadas pela maioria da nação, moído a dar direito de voto ao analfabeto, aos cabos e aos soldados das fôrças armadas, bem como a abolição das restrições antidemocráticas existentes, como o artigo 58 daquela lei; relações comerciais e diplomáticas com todos os países do mundo, comprando e vendendo àqueles que nos proporcionarem boas e vantajosas retribuições e que não nos imponham exigências que de qualquer forma afetem a soberania nacional; apoio à luta dos povos subdesenvolvidos e defesa do princípio de autodeterminação do povo cubano.

Como se vê, os sindicatos têm um programa de luta pela emancipação nacional aprovado em Congresso, levado ao conhecimento das autoridades, inclusive as do Ministério do Trabalho e divulgado entre os trabalhadores de todo o país.

A tese do apoliticismo no sindicato está fora de moda, não encontra nenhum apoio na realidade nacional. Isso não significa, entretanto, que os sindicatos devem lançar-se à política partidária, que envolva interêsses de grupos eleitoreiros e divida os trabalhadores. Os sindicatos não podem fazer a tradicional política eleitoreira, mas podem e devem, e êsse é seu dever de honra, participar das lutas pela solução dos problemas políticos, econômicos e sociais do país. E claro que a maioria dos sindicatos não se furta a êsse dever.

O que preocupa, no momento, é como promover a participação dos sindicatos na Frente de Libertação Nacional, como juntar a poderosa fôrça do proletariado a tôdas as demais correntes que se organizam e se organizarão na FLN, em busca da solução dos problemas que impedem o pleno desenvolvimento da economia nacional, que obrigam os homens do campo a uma vida de sacrifícios inconcebíveis, que oprime o proletariado, e angustia a imensa multidão de jovens estudantes e operários, desestimulados por um regime que não lhes oferece a mínima perspectiva de um futuro melhor.

Somos de opinião que os sindicatos, com as suas próprias formas de organização (delegacias sindicais, conselhos sindicais de fábrica, etc), podem desempenhar o papel de bases da Frente de Libertação Nacional, embora a ela não sejam formalmente filiados. E nisso não vai nenhuma tentativa de deixar o gato escondido com o rabo de fora. Entendemos que a luta dos sindicatos para levar os seus associados à defesa das reivindicações econômicas, políticas e sociais aprovadas nas assembléias e nos conclaves sindicais é o caminho natural e justo para o entrosamento dos trabalhadores na Frente de Libertação Nacional.

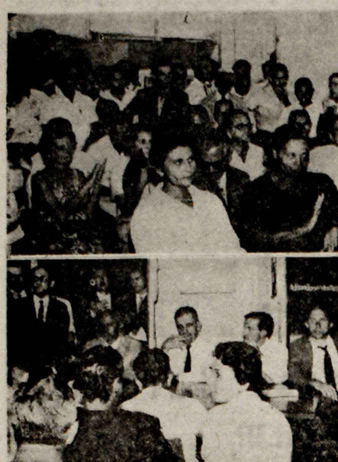
Cremos mesmo que êsse entrosamento se fará mais rápido, na medida em que se souber destacar as reivindicações de caráter geral mais estreitamente relacionadas com a atividade de cada setor profissional. Citaremos um exemplo concreto, que talvez esclareça melhor essa assertiva. O Congresso Nacional dos Estivadores, dentre inúmeras de suas resoluções, tem uma que se refere à luta pelo reaparelhamento dos portos. Em Maceió essa não é apenas uma reivindicação dos estivadores, mas de todos os portuários, dos trabalhadores da cidade, do comércio, da indústria, do próprio govêrno do Estado. Em tôrno dessa reivindicação — reaparelhamento do pôrto de Maceió — o Sindicato dos Estivadores reuniu em sua sede, para um debate, representantes do govêrnador do Estado, da Assembléia Legislativa, da Câmara Municipal, da Associação Comercial, da Superintendência do Pôrto e de todos os demais sindicatos de trabalhadores, interessados na solução do problema.

Os estivadores de Maceió promoveram um ato para o debate em tôrno de um dos aspectos da política administrativa do govêrno, que os falsos defensores do apoliticismo nos sindicatos condenariam. Mas tratava-se de uma resolução do congresso da classe, de uma reivindicação sentida de tôda a categoria e de um problema das próprias autoridades, da burguesia comercial e industrial, interessada na indicação do transporte marítimo. Todos apoiaram a iniciativa do Sindicato.

Fatos dessa natureza revelam como os sindicatos podem desempenhar importante papel na Frente de Libertação Nacional, promovendo debates e conferências em suas sedes sôbre os problemas regionais e nacionais, esclarecendo os trabalhadores, arregimentando-os para a luta de emancipação nacional.

As formas de entrosamento e de coordenação da atividade dos sindicatos na Frente de Libertação Nacional haverão de ser encontradas em cada bairro, cidade, Estado ou região. O fundamental, em nosso entender, é que os sindicatos ativem o processo de organização dos conselhos sindicais, dos conselhos de representantes, etc, intensificando, paralelamente, a luta pelas reivindicações específicas de cada setor profissional, promovendo o esclarecimento e a mobilização dos trabalhadores para a luta comum ao lado de tôdas aquelas fôrças que participam da Frente de Libertação Nacional.

Amplo Apoio ao Registro do PCB na Bahia



Dois aspectos do ato público pelo registro do Partido Comunista Brasileiro, realizado em Salvador.

SALVADOR, novembro — (Do correspondente) — Com a presença de grande assistência, que se comprimia nos salões do Partido Socialista Brasileiro, foi realizado no dia 15 o ato solene de lançamento da campanha pelo registro do Partido Comunista Brasileiro.

Integraram a mesa que dirigiu os trabalhos os srs. Osório Vilas Boas, presidente da Câmara dos Vereadores da capital; Newton Macedo Campos, presidente do Diretório do PSB; dr. Herval Pina Ribeiro, secretário-geral do Movimento Nacionalista, seção da Bahia; José Casalles, presidente da ABES, dr. Álvaro Rubim de Pinho, presidente da Associação Baiana de Medicina; João dos Passos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Adelson Andrade, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil; João Cardoso e o bacharel Aristeu Nogueira, dirigentes comunistas.

ORADORES

O dirigente João Cardoso fêz o discurso de abertura, dizendo dos objetivos da campanha e da finalidade do ato, falando a seguir o sr. Newton Macedo Campos, representante do Partido Socialista, que expressou o apoio dessa organização ao registro do Partido Comunista Brasileiro. «Agora, mais do que nunca, tudo nos une, nada nos separa», afirmou o dirigente socialista.

O jornalista Ariovaldo de Matos salientou o relevante papel que poderá desempenhar o PCB nas próximas eleições. O dirigente comunista Aristeu Nogueira falou longamente sôbre os objetivos do Partido Comunista Brasileiro, demorando-se na análise da luta contra o imperialismo e o latifúndio.

FRENTE DE LIBERTAÇÃO

Acrescentou que os projetos de reforma agrária em curso no Parlamento apresentam sérios defeitos, expressando a confiança no organização das Ligas Camponesas. Fêz referências à Frente de Libertação Nacional, da qual poderá surgir um govêrno nacionalista e democrático, através das lutas pelas reformas de base, nas quais deverão empenhar-se tôdas as fôrças progressistas.

Seguiram-se com a palavra os srs. João dos Passos e Narciso Bispo, sendo o ato encerrado com a oração do presidente da Câmara dos Vereadores, sr. Osório Vilas Boas, que afirmou:

— «Não sou comunista, mas apóio a campanha pelo registro do PCB, e isto é que justifica minha presença nesta solenidade pois sou democrata por formação e convicção».

APOIO À CAMPANHA

Também assinou o manifesto de apoio à campanha o deputado estadual Honorato Viana, líder do govêrno na Assembléia Legislativa do Estado, e cujo nome foi omitido na correspondência enviada a NOVOS RUMOS.

ANUM BRANCO

"... afirmamos e reafirmamos, sem mais subentendidos nem sofismas teóricos, que Anum Branco é efetivamente um livro de contos. Sem hesitação acrescentarei que é um livro de bons contos, contados com autenticidade, sem mistificações psicologistas, sem fugidias ou fluidas tapeações supostamente poéticas. Contos reais, contos captados da experiência vivida, o que quer dizer que nêles o autor nos conta sempre alguma coisa acontecida ou, se não aconteceu tim-tim-por-tim-tim, aconteceu em seu núcleo central. Nem o contista é fotógrafo, cronista ou repórter, mas um recriador de episódios, cenas, casos, dramas e comédias da realidade". (Astrojildo Pereira).

Pedidos à Editorial Vitória Ltd.
Rua Juan Pablo Duarte, 50 — sobrado
Rio de Janeiro — Guanabara

Canto de Página

Eneida

Entre homens e burros

A vida está tão cheia de problemas dos homens que é quase impossível se dar atenção aos problemas dos burros, o que não impede que uns e outros, nesta cidade, sejam até parecidos (os problemas, naturalmente) tanto é um só o governador.

Continuam os assaltos de dia ou de noite. O lixo cresceu tanto e é tanto em tôda a cidade que espera-se a qualquer momento dêle nasçam flôres ou tenhamos em cada bairro a nossa especial floresta de lixo. Os homens do Govêrno dão entrevistas, falam milhões de bobagens, o diretor da limpeza pública só quer uma coisa: que sejamos todos limpos, que cuidemos nos próprios de nossos lixos. Limpos somos e quanto! Mas como engolir o lixo natural das casas onde se descascam batatas, etc., onde os detritos não são incinerados como deviam ser incinerados também os mortos?

Chegou o verão, sol, calor, praia e a granfinagem assistiu, emocionada e pálida, o desfile Dior, no Copacabana; o vestido mais barato vale um milhão, baratíssimo como vêdes; há instituições pro-infância que estão ameaçadas de fechar por falta de verba. Vem o governador e diz: verba para instituições não pode ser, chama artigos, parágrafos, mistura os dois e manda dizer que não à Assembléia Legislativa que aprovara as referidas verbas. Compremos vestidos Dior, irmãos, fechemos instituições pro-infância abandonada e tenhamos vaidade de existir Brocoió e a negociata do café ter dado no que deu. Anda rasteira a vergonha dos dirigentes.

E os burros, os burros que aparecem no título desta crônica tão elegante, tanto se fala de lixo e de Dior? Bem os burros, segundo leio nos jornais "sofrem pelo desgoverno da cidade". O título é do "Correio da Manhã" e a notícia pode ser resumida assim: os burros em disponibilidade estão morrendo de fome e de abandono em Santa Cruz. Aliás, o lamentável foi que os burros acreditassem em aposentadoria sem saber que um aposentado é sempre alguém que ganha muitíssimo menos do que quando trabalhava e como para se aposentar precisa um rol de anos, todos os seus anos de trabalhos ficam resumidos em vagos cruzeiros.

Não julgueis, irmãos, que eu tenha especial ternura pelos burros. Isso é coisa para o Alvaro Moreira. Mas afinal, que diabo, os burros foram durante algum tempo colaboradores ativos da limpeza da cidade, merecem, portanto, se não uma elevada estima, uma distinta consideração.

Dizem que há tifo, falam muito mal do governador. E mais uma vez teremos grandes comemorações aos mortos vitimados "pela intentona comunista de 1935". Ninguém se lembra dos outros mortos de outras "intentonas". Houve alguma coisa em 10 de novembro? Mas não há de ser nada. Cultivemos nosso lixo, nossa falta dágua e cuspamos sôbre a falta de caráter existente. Cuspamos sem esquecer de lutar contra tudo isso.

Tchecoslováquia Inaugura Nova Universidade da Paz e Amizade

Raul Becerra Arana,
de Praga, especial para NR

Perto do teatro «Josef Kajetán Tyl», ou, no dizer dos tchecos, «Tilovo Divadlo», numa antiga rua da cidade velha, fêz-se a inauguração solene da universidade para os estudantes estrangeiros na Tchecoslováquia, denominada «Universidade 17 de Novembro».

Na histórica «Aula Magna» da Universidade Carolina de Praga, uma das mais antigas e belas salas góticas da Europa Central, o ministro da Educação e Cultura, dr Kahuda, deu início à solenidade em nome do govêrno tchecoslovaco. Estavam presentes no recinto, o mesmo onde há vários séculos iniciou suas polêmicas o primeiro reformador europeu — Jan Huss — delegações culturais de diversos países, o reitor da Universidade «Patrício Lumumba» de Moscou, a reitora da Universidade Karl Marx, da RDA e outras personalidades do govêrno tchecolosvaco.

FESTAS ESTUDANTIS

A bela Praga vive êste mês jornadas de festa. Há vários dias se encontram nesta cidade delegações estudantis de todos os países para a comemoração do Dia Internacional do Estudante e o 15º Aniversário da fundação da União Internacional dos Estudantes. Há um ambiente marcadamente estudantil e se observa a preocupação dos jovens de todo o mundo em trazer a esta festa a mensagem de solidariedade de seus povos à luta pela paz e o desarmamento geral e total. Além disso, os jovens representantes de diversas organizações estudantis juntaram-se fraternalmente ao povo tchecolovaco para a celebração de outra data magna: o 44º Aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Durante sete dias realizaram-se conferências e reuniões entre estudantes de diversos países, diversos continentes, diferentes idiomas e crenças religiosas e políticas. Mas em tôdas as reuniões realizadas na Faculdade de Direito da Universidade de Carlos, manifestou-se um pensamento comum, um desejo comum, uma preocupação comum: o afã e a aspiração da juventude de todo o mundo, dos jovens de tôdas as latitudes em lutar incansàvelmente pela manutenção da paz mundial, condenação ao colonialismo, defesa da não intervenção em assuntos internos de outros países, defesa da heróica Revolução Cubana e apoio aos combatentes argelinos.

A capital da Tchecoslováquia vive um ambiente de colorido juvenil. Os frios outonais em nada diminuíram o entusiasmo e a alegria dos jovens visitantes.

«17 DE NOVEMBRO»

De hoje em diante os estudantes estrangeiros que cursam estudos superiores na Tchecoslováquia pertencem à Universidade cujo nome é uma lembrança e uma advertência à barbárie fascista, que no dia 17 de novembro de 1939, logo depois da ocupação, fechou tôdas as universidades da Tchecoslováquia, que nunca mais deveriam ser abertas, para que o povo não tivesse oportunidade de formar seus próprios intelectuais.

O reitor da nova Universidade é um destacado educador, advogado, diplomata e catedrático de Direito Internacional da centenária universidade Carolina. Nós o conhecemos há alguns meses quando dirigia o Departamento Universitário do Ministério de Educação e Cultura. Vimo-lo outras vêzes no Comitê Nacional Tchecoslovaco de Defesa da Paz. Agora o entrevistamos para NOVOS RUMOS, dias antes da inauguração oficial da Universidade.

POR QUE

O professor Jaroslav Martinec recebeu-nos no terceiro andar de um grande edifício da praça Máximo Gorki, bem no centro da encantadora Praga.

— De sua pergunta — diz — vejo que compreendeu perfeitamente por que decidimos formar a Universidade que leva o nome de 17 de Novembro. Realmente, a nova Universidade para os estudantes estrangeiros é fruto da preocupação do govêrno tchecoslovaco em oferecer maiores possibilidades e vantagens aos países econòmicamente subdesenvolvidos em suas tarefas de liquidar as sobrevivências da opressão colonialista, orientando-nos pelos princípios do internacionalismo proletário, base de nossa política exterior. Compreendemos que um dos grandes problemas dos países da Ásia, África e América Latina é a falta de uma quantidade suficiente de especialistas para os diversos ramos da produção, da ciência e da cultura. A Cátedra para os Estudantes Estrangeiros da Escola Superior de Economia tinha a seu cargo cuidar dos estudantes estrangeiros. Esta forma de organização era conveniente quando os estudantes estrangeiros não eram tão numerosos como agora. Mas ùltimamente temos uma quantidade maior de estudantes dos diversos países em desenvolvimento, onde as condições não só naturais, como também econômicas e sociais em geral são diferentes. Por isso, decidiu-se unificar o estudo de todos os estudantes estrangeiros numa Universidade especial, que assegurará que a preparação se realize levando em conta as necessidades dos países de onde êsses estudantes procedem.

CARACTERÍSTICAS

— A Universidade tem, por enquanto, três faculdades — esclareceu o entrevistado —, que se vão ampliar de acôrdo com as necessidades educacionais que surgirão posteriormente. As faculdades atuais são de Preparação de idioma e profissional, Técnica e de História Natural, e Ciências Sociais.

O professor Martinec fala sôbre os novos métodos:

— O nôvo sistema assegurará o estudo do idioma tcheco, ou do eslovaco, além de uma ampla preparação da educação em geral das matérias profissionais fundamentais, como matemática, física, biologia, química, geometria descritiva, etc. O estudo nas faculdades da nova Universidade terá um objetivo muito amplo, tendo em conta as necessidades dos países que começam seu total desenvolvimento. Na Faculdade de Ciências Técnicas e Históricas Natural, por exemplo serão estudados em diversos setores e especialidades de engenharia, agronomia, construção, arquitetura, etc. Na Faculdade de Ciências Sociais estudarão os professôres para escolas básicas e secundárias, num amplo estudo dos diferentes ramos das ciências sociais, com a possibilidade de formação de funcionários político-administrativos, economistas, jornalistas, etc.

ORGANIZAÇÃO

— A Universidade terá uma organização especial, determinada pelo seguinte fator: será um centro estatal unido para a preparação dos estudantes estrangeiros, que não só realizará a preparação profissional dêstes, como também os organizará em outras escolas superiores. Terão grande importância os departamentos de «documentação e estudo», os quais elaborarão os materiais sôbre os problemas econômicos e culturais dos diferentes países e regiões de onde os estudantes procedem, para que a preparação dos estudantes se faça levando em consideração, o máximo possível, as necessidades dêsses países. A particularidade da nova Universidade é que contará com ensino total ou parcial num dos idiomas universais que os estudantes conheçam, tais como francês, inglês, ou espanhol.

Quanto às possibilidades de vagas, o professor Martinec esclareceu:

— E' claro que a ajuda oferecida aos países em desenvolvimento crescerá sempre e que o número de bôlsas há de aumentar. Os detalhes sôbre o fornecimento destas estará à disposição dos estudantes estrangeiros nas Embaixadas Tchecoslovacas. Em breve surgirá uma publicação especial sôbre as possibilidades e condições de estudo.

MENSAGEM

A entrevista chega a seu término. Inúmeros funcionários da nova Universidade esperam o reitor. Os telefones soam ininterruptamente. Depois de algumas pausas para responder as chamadas, o professor Martinec entregou-nos uma mensagem a propósito do 15º Universário da Faculdade da UIE, dizendo:

— Como professor, considero que a importância do movimento estudantil é grande, pois está ligado às questões fundamentais da luta pela paz, pelo desarmamento geral e completo, pela liquidação conseqüente e total do colonialismo e de todos os seus restos. Será necessário, contudo, que a juventude do mundo inteiro entre mais decididamente nos movimentos mundiais pela paz e pela soberania dos povos, dos quais a humanidade depende para libertar-se finalmente da maior ameaça — a guerra —, a qual, ainda agora, quando a humanidade chegou ao limiar da era cósmica, ameaça com o abuso dos maiores êxitos da ciência e da técnica a própria existência da sociedade humana.

Tópicos Típicos

Pedro Severino

CAVALO MARINHO RELINCHA ?

Segundo «O Globo» (edição de 24.11, pág. 12), o discurso do min. Santiago Dantas comunicando aos deputados o reatamento de relações com a URSS foi interrompido por «apartes de desapropriação por todos os lados».

TEÓRICO DO HUMANISMO ERÓTICO DESAPROVA LÊNIN

Em artigo publicado no «O Estado de São Paulo» (25-11), o sr. P. E. Sales Gomes defende a tese de que **as preocupações moralistas de Lênin impediram que o cinema soviético se espraiasse em algumas direções humanísticas e artísticas que lhe cabia explorar, como, por exemplo, a erótica**.

TEÓRICO DA PROSTITUIÇÃO DESAPROVA GÓRKI

No mesmo artigo, o sr. Sales Gomes afirma que o fenômeno da prostituição talvez não esteja condicionado por esta ou aquela estrutura social e talvez seja expressão «de algo permanente no homem», ao contrário do que supunha Górki.

QUEM NÃO SE EXPRIME CLARAMENTE NÃO TEM IDÉIAS CLARAS

No «Diário de Notícias» de 26-11, o delicado poetinha Wlamir Ayala publicou sôbre o mais recente livro de Cecília Meireles um artigo que começava assim: «Um poeta, quando se debruça por panoramas improváveis, aquêle pelos quais anda em seu tempo interior de navegação ou vôo, está à beira do milagre. Mas quando o poeta se propõe a desenhar panoramas imagináveis, passando-os pelo filtro de seu panorama verídico e secreto, então já obriga o leitor a uma dupla atitude».

FINALMENTE, UM GRANDE POETA !

Sábado último, o suplemento do «Jornal do Brasil» proporcionou aos seus leitores a oportunidade, há muito tempo esperada, de um contato com a grande poesia: a fôlha dos neoconcretos acolheu poemas do extraordinário poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto.

MONTE DE HEINE

Diz-se que Heine, famoso poeta alemão do século passado trocou o céu por uma frase de espírito. Ao morrer, começando a pedir perdão a Deus pelos pecados que cometera, o poeta falou:

— Deus há de perdoar-me; é a profissão dêle.

O Chefe Horácio de Matos

Rui Facó

Já conhecia, de muitos anos, histórias semilendárias sôbre Horácio de Matos. Há pouco, havia pedido a um amigo da Bahia exemplares de velhos jornais da época em que o caudilho sertanejo foi assassinado no coração mesmo da Cidade de Salvador. Esta semana consigo todo um volume de 250 páginas intitulado, *O Chefe Horácio de Matos*, de Américo Chagas. E um relato simples, mas apaixonante como um romance, sôbre a vida dêsse arregimentador de jagunços que teve sob seu domínio absoluto quase imperial, nada menos de 12 municípios de uma das zonas mais ricas da Bahia nos começos do século — as Lavras Diamantinas. E êsse domínio se prolongaria por vinte anos! Extingue-se com o movimento revolucionário de 30, quando a burguesia brasileira assesta um contundente golpe no latifúndio, desarma *coronéis* em todo o interior, tentando reduzi-los à impotência política.

Horácio de Matos, juntamente com Franklin Lins de Albuquerque, tivera seu nome projetado nacionalmente ao ser financiado e armado pelo próprio govêrno central para dar combate à Coluna Prestes. Eram chefes de capangas promovidos a comandantes de "batalhões patrióticos" — os seus sanguinários jagunços que viviam em suas fazendas ou garimpos como autênticos semi-servos da Idade Média. Eram os "chefes" os senhores das riquezas produzidas e das vidas dos humildes que as produziam.

Falta no livro de Américo Chagas precisamente êste aspecto, dos mais importantes: o meio econômico e o ambiente social que geraram os "chefes" cujos nomes ainda hoje têm ressonância em nossa história interiorana — Horácio de Matos, Franklin de Albuquerque, Floro Bartolomeu, Dóca Medrado, Abílio Volney...

A enorme influência de um Horácio de Matos sôbre milhares e milhares de homens, capazes de serem mobilizados para suas incessantes lutas armadas, a êle inteiramente submissos até à morte, não caía do céu. Resultava de seu poderio econômico. Por sua potência econômica é que adquirira essa influência incontrastável sôbre humildes sertanejos que formaram durante dois decênios seu exército pessoal. Essa mesma potência econômica lhe deu o poder político nas Lavras, fazendo-o sucessivamente Delegado Regional, senador estadual, intendente — quer dizer, homem de confiança e apoio do govêrno do Estado e mesmo do govêrno federal.

No entanto, pelo relato de Américo Chagas ficamos sabendo apenas de maneira episódica que Horácio de Matos era dono de garimpos e, mais tarde, de fazendas agrícolas.

Alguns antagonistas seus tampouco estão bem caracterizados. Sabe-se vagamente que eram "chefes", fazendeiros donos de garimpos. Mas não fica esclarecida a motivação de sua presença na luta. Ou temos apenas o que já é resultado e não causa: sua inimizade pessoal com Horácio de Matos ou velhas rixas de família.

Embora o livro contenha uma seqüência cronológica, as histórias paralelas, muitas absolutamente secundárias, desviam a atenção da narrativa central. O mesmo efeito é produzido pelo excesso de nomes sem expressão alguma, ou talvez expressivos mas não suficientemente identificados.

Afora êstes pontos negativos o livro de Américo Chagas é uma valiosa contribuição para o melhor conhecimento de uma das épocas mais interessantes de um Brasil que se vai lenta e penosamente extinguindo, o Brasil do latifúndio semifeudal, que já sobreviveu demais, impondo terríveis sofrimentos à nação inteira.

Hoje, os Horácio de Matos não existem mais com o seu absolutismo, a sua prepotência e os seus crimes impunes legalizados por sua aliança com os governos estaduais e central. O homem humilde que vivia outrora sob seu punho de ferro, na mira de sua carabina, encontra a alternativa da fuga para São Paulo, o norte do Paraná e, por último, a miragem de Brasília. Mas a sua miséria é a mesma dos tempos dos Horácio, dos Franklin, dos Volney. A grande diferença, altamente positiva, é claro, é que aquela alternativa não é a única: os que no passado pegavam em armas para defender os interêsses egoístas dos sobas do coronelismo, arregimentam-se hoje para defender os interêsses profundamente humanos da grande massa dos miseráveis que jamais tiveram terra ou garimpo. As ligas camponesas, as associações de lavradores e trabalhadores agrícolas que se disseminam por todo o Brasil vão colocar a última pá de terra na tumba do *coronel*.

Livros recebidos. *Os magros*, de Euclides Neto (Bahia); *Barões de quintal*, de Italino Peruffo (Paraná); *O médico da vila*, de Luís Amorim (Estado do Rio — Teresópolis). Ao prof. Soares Amora agradeço *O progressismo de Sêneca*, de J. van den Besselaar, *Problemas da formação humana*, de Jonas Speyer, *Fôlhas caídas — a crítica e a poesia*, de Naief Sáfady e "Revista de Letras", edições da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Assis Estado de São Paulo.

NÔVO PRÊMIO A DALCÍDIO JURANDIR

Mais um prêmio literário obteve Dalcídio Jurandir com seu último romance **Belém do Grão Pará**: o Prêmio Luísa Cláudio de Souza (dotação de 30 mil cruzeiros), que é concedido anualmente pelo Pen Clube do Brasil.

A escolha do romance de Dalcídio Jurandir pela comissão de escritores, cujos membros foram unânimes no parecer, corresponde ao reconhecimento dos méritos de um ficcionista que está construindo uma obra sólida e de crescente aceitação pelo grande público. Belém do Grão Pará faz parte da série de romances que Dalcídio Jurandir vem escrevendo há vários anos, iniciada com **Chove nos campos de Cachoeira**.

Deputado Capixaba Diz Que Nos Parlamentos há um Vazio: Falta o PCB

VITÓRIA, novembro (do Correspondente) — Falando à imprensa desta capital, o deputado udenista Vicente Silveira declarou-se inteiramente favorável ao registro do Partido Comunista Brasileiro, cuja ausência considera um vazio nos parlamentos do país.

"A democracia — prosseguiu — não é mantida com uma suposta uniformidade de pensamento dos cidadãos. E' óbvio que todos os indivíduos componentes dessa mesma democracia possam exercitar, livremente, as suas idéias. E o Partido Comunista Brasileiro representa uma soma de pessoas com sua opinião, e impedi-la não é democrático. O Partido Comunista Brasileiro é uma legenda que já disputou o voto popular e conta com um contingente humano que exige sua representação na arena política, nos parlamentos.

PARTICIPAÇÃO DOS COMUNISTAS

Depois de afirmar que "o campo de debate das idéias são o Parlamento, a praça pública, a imprensa, e que através dêles se processa a vida democrática, disse o deputado Vicente Silveira:

— "Seria absurdo esquecer, sobretudo, a participação do Partido Comunista Brasileiro na elaboração da nossa Carta Magna, sua posição vigilante durante a Constituinte. Sou favorável ao registro do Partido Comunista Brasileiro.

Focalizou, ainda, aquêle parlamentar, a participação efetiva do PCB, mesmo na ilegalidade, através de suas teses de reformas sociais que já são adotadas por indivíduos de tôdas as classes sociais, tais como a luta pela Petrobrás, Reforma Agrária, contenção e remessa de lucros, luta antitruste e defesa dos materiais estratégicos.

RESTRIÇÕES IDEOLÓGICAS

Também o deputado Hélio Cordeiro, por ocasião do Congresso das Assembléias Legislativas, recentemente realizado em Pôrto Alegre, falou a representantes da imprensa espírito-santense, declarando ser "amplamente favorável ao registro de qualquer partido que obedeça à Lei Eleitoral".

— "Por isso — concluiu — sempre nos manifestamos pelo registro do Partido Comunista Brasileiro».

CAMPANHA NO ESPÍRITO SANTO

Antônio Flôres é um ativista da campanha pelo registro do PCB no Espírito Santo, campeão da coleta de assinaturas: já colheu, sòzinho, 180. Disse Antônio Flôres que tem feito visitas diárias, bem como outros patriotas capixabas, de casa em casa, em Vitória, com grande receptividade.

— "A minha experiência — concluiu — ensina que, na audácia, no entusiasmo, na maneira de explicar aos eleitores os elevados objetivos da campanha e a grande importância que tem para a consolidação da democracia no Brasil a existência legal do partido dos comunistas, residem as causas principais do êxito que tenho obtido na coleta de assinaturas. O que pode ser alcançado pelos demais ativistas».

NOVOS RUMOS

Diretor
Mário Alves
Diretor Executivo
Orlando Bomfim Júnior
Redator Chefe
Fragmon Borges
Gerente
Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco 257, 17º andar S/1712 — Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco 257, 9º andar S/905
SUCURSAL DE S. PAULO
Rua 15 de Novembro 228 8º andar S/821
Tel. 35-0453
Endereço telegráfico «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual ...... Cr$ [illegible]
Semestral ...... » [illegible]
Trimestral ...... » [illegible]
Número avulso ...... » [illegible]
Número atrasado ...... » [illegible]
ASSINATURAS AÉREAS
Anual ...... Cr$ [illegible]
Semestral ...... Cr$ [illegible]
Trimestral ...... Cr$ [illegible]
[illegible] ...... » [illegible]

DE RECIFE A FORTALEZA O PROBLEMA É A TERRA

Annibal Bonavides

Correspondência especial para NR

5 horas da manhã. O ônibus da Expresso de Luxo sai lotado da Estação Rodoviária do Recife. Destino: Fortaleza.

A princípio, eleva-se um borborinho de conversas cruzadas. O coletivo está animado, todos falam, estimulados pelo ar puro da manhã e pelo início da viagem.

Coletivo aquelas fisionomias comuns, tão familiares e tão presentes em qualquer transporte coletivo do Nordeste. Meia hora após a partida, cada pessoa parece concentrada, pensando em seus problemas. Distingo diferenças: rostos saudáveis, alguns alegres; outros apreensivos, alguns quase aflitos. Ao meu lado, um sobrecenho carregado reflete a dureza de uma existência sofrida, todavia ainda impulsionada por um lampejo de esperança. Faço o comentário mais banal sôbre o tempo. O suficiente para que o meu vizinho saia de suas preocupações e logo se expanda comigo, como se fôsse um velho conhecido. É de Teresina, já passou muita fome na vida, pois o Piauí é o Estado de mais baixa renda per capita, menos de 3 mil cruzeiros. Lá não havia empregos, não havia segurança, só havia mesmo a terrível incerteza do dia de amanhã. Meu companheiro de viagem sentia-se ali como um náufrago no meio do oceano, buscando desesperadamente um ponto de apoio. Nadou até as últimas energias. Foi quando se viu, certo dia, descendo de um pau-de-arara, em Salgueiro. Daí para Recife, foi um salto. E agora, com oito anos de ausência, viajava no rumo de Teresina, para rever os seus. Era um homem triste contando a sua história, a infância na beira do Parnaíba, a juventude atribulada, a decisão de sair pelo mundo em busca de salvação, a luta pela vida no Recife, a conquista de um lugar ao sol, a nova situação de «arremediado» ainda inseguro. Ia me dizendo: — «Tive tanto mêdo da vida que o senhor não pode imaginar... mas acredito que venci. Vejo, porém, que tudo é precário; sobretudo vejo milhares de criaturas numa trágica situação de insegurança, mergulhadas no desemprêgo, na miséria e na fome»

O ônibus penetrou em território paraibano. Itambé, Itabaiana. À direita, fora do nosso itinerário, estendia-se o brejo. No brejo da Paraíba e na zona da mata pernambucana estavam as Ligas Camponesas. Naquele dia, 15 de novembro, reunia-se em Belo-Horizonte o I Congresso Camponês do Brasil.

MINIATURA DO BRASIL

A voz de uma mulher simples — imagem acabada da dona de casa tradicional da região — foi se elevando, tomando timbre de indignação, falando num tom próximo ao da agitação, para que todos os passageiros ouvissem. Deblaterava a carestia de vida, a ganância dos tubarões, a falta de govêrno. Aquilo não podia continuar. Feijão macaça (de corda) por 50 cruzeiros, mulatinho por 80, uma laranja murcha por 10. A revolta da mulher contagiou num instante todo o coletivo. Novamente o borborinho que se fizera na saída do Recife, modificou o ambiente. Todos falavam de uma só vez, todos protestavam. E por uma associação natural de idéias, lembrei-me dos dias tumultuosos da recente crise política. Nosso transporte me parecia então a miniatura do Brasil nos dias que se seguiram à deserção do sr. Jânio Quadros. Vislumbrei no episódio o sentimento profundo das massas, a certeza de que teremos no País a repetição da explosão de agôsto-setembro, se êste Govêrno que aí se encontra, permanecer inoperante, apático e cabisbaixo diante do Fundo Monetário Internacional. A setenta quilômetros por hora, o ônibus da Expresso de Luxo carregava, nas suas poltronas velhas e nada luxuosas, um pouco da temperatura em ascensão do povo nordestino. Apliquei, subjetivamente, o meu termômetro político e pude verificar que a febre já é de 39 graus. Quando passar dos 40, o dominador imperialista e seus capangas latifundiários voarão pelos ares. O povo brasileiro será senhor de seu destino.

A sete léguas de Campina Grande surge uma pista asfaltada. Saímos de um longo arremêdo de rodovia, que envergonha os governantes da Paraíba e de Pernambuco, exatamente porque situada entre duas das mais importantes cidades nordestinas — Recife e Campina. Na «Princesa da Borborema» o hoteleiro cobrou-nos 200 cruzeiros por um almôço de feijão, arroz, carne sêca e farinha. Outra vez medi a temperatura dos passageiros subindo a 39 graus de revolta.

AS CRIANÇAS

De Campina a Patos defrontamos um braseiro imenso. Debaixo da escaldante canícula, espectros vivos de homens e mulheres projetavam-se na margem da estrada ou no terreiro de casebres. O que mais impressiona, o que mais desperta ódio contra os exploradores e opressores do nosso povo, são as crianças e os velhos. São retratos vivos de uma sociedade sem entranhas, de um regime desumano. Crianças sem brilho nos olhos, sem brinquedos, sem escola, sem roupa e sem comida. Homens e mulheres de setenta anos, vergados ao pêso brutal do latifúndio, humilhados, famintos, ofendidos, desgraçados, sem sinal de vida no semblante parado. Alguns dêles estão espantados, quase aterrorizados pelo meio hostil que os rodeia. Miséria e degradação humana semelhantes caracterizam os bairros pobres, favelas e mocambos das cidades litorâneas, como acontece no Pirambu, em Fortaleza, onde 40 mil pessoas vegetam em casebres hediondos, sem pão, sem carne e sem leite, enquanto na outra ponta da praia refulge, esplendente, o famoso conjunto arquitetônico do Náutico Atlético Cearense, clube da granfinagem, transbordante de «whisky and soda», cronistas sociais, misses, banqueiros e coronéis da terra, esta elite requintada e decadente, cujos dias de ociosidade e luxúria, felizmente, estão contados, como se pode fàcilmente constatar pelas alturas que o nosso mercúrio político vai ganhando no supra citado termômetro social das grandes massas operárias, camponesas, estudantis e populares do país inteiro.

Além de Patos, em Malta (por aqui passou a Coluna Prestes em 1926) três camponeses, de saco às costas, pediram passagem no coletivo. Havia lugar no banco traseiro. Desloquei-me para perto dêles, puxei conversa. Estavam regressando a São Gonçalo, o grande açude público do oeste paraibano. — «Açude público, seu moço, só no nome. Não tem nada de público. Pobre não tem terra na bacia, não pode pescar, não goza dos benefícios. O açude é do Govêrno, é dos ricos, dos «administradores», dos coronéis»

O raciocínio do camponês era de ferro, traduzindo a trágica realidade dos sertões nordestinos. Entre Pombal e Cajazeiras passamos pelas terras irrigadas de São Gonçalo. Um oásis no deserto. Em vez do ar ardente da Serra da Viração, sopra uma aragem refrescante. É o milagre da presença da água. Só que a água foi represada, como disse o camponês, para usofruto exclusivo de meia dúzia. Envolvendo o São Gonçalo está aquilo que um poeta, em momento de inspiração, chamou de «latifúndio devorante». As terras da bacia de São Gonçalo transformaram-se em dádiva da represa, esta foi construída para ter um fim social, servir ao povo da região. Mas serve apenas aos coronéis, pois as terras de sua jusante, de sua montante, de tôda a área circundante, continuam monopolizadas. E assim será no Orós, será no Araras e no Banabiú, em todos os grandes, médios e pequenos reservatórios públicos, enquanto a terra permanecer em regime de monopólio, sob o guante espoliador do latifundiário. Por isto é que a Lei de Irrigação do Nordeste foi arquivada na Câmara Federal. Para que a água dos açudes fôsse também monopolizada, como a terra, pelos coronéis.

MUITOS JULIÕES

A esta altura da conversa, meu pensamento voara para Belo Horizonte. Expliquei então, aos três camponeses de São Gonçalo, o que significava para êles e para tôda a massa trabalhadora dos campos, o I Congresso Camponês Nacional. Quando terminei de falar, um dêles, comovido, me surpreendeu afirmando: — «seu moço, nós estamos precisando é de fazer já-já, um Chico Julião por estas bandas do sertão. Se não me engano, o povo está criando muitos Juliões por êsse Brasil afora...» A ênfase do camponês me convenceu de que a mensagem da Reforma Agrária e a necessidade de união e de organização das massas, para conquistá-la, começa a ganhar a consciência de milhões, nos altos sertões do Nordeste. Desloca-se ràpidamente essa nova e brilhante consciência de classe, do litoral para a «hinterlândia», o que, consolidando-se, será decisivo no processo da Revolução Brasileira. Esta consciência vai se cristalizando na cabeça dos assalariados agrícolas, dos parceiros e arrendatários. Logo mais, as providências organizativas e unitárias darão sentido prático a tão animadora disposição subjetiva. E as organizações camponesas se multiplicarão, irradiando-se como rastilho de pólvora por todos os rincões nordestinos, por brejos, vales, matas, caatingas e serras da região. Será o começo da redenção do homem que trabalha e produz.

Depois vieram as cidades cearenses. Icó, Jaguaribe, Russas. A mesma estampa social das cidades da Paraíba. Na parada do Icó (meia hora para o café), acerquei-me de uma roda formada por pessoas da terra. Falava-se da produção e do preço do algodão. Quase setenta milhões de quilos (a maior safra do Ceará em todos os tempos). Falava-se das possibilidades, já em vias de concretização, de exportação para a União Soviética e outros países da área socialista.

Segundo revelação de um porta-voz do Govêrno do Estado, a produção algodoeira cearense dêste ano equivale a um capital circulante de 17 bilhões de cruzeiros. Dêsse total, 11 bilhões vão para os bolsos dos intermediários (alto, médio e baixo intermediários, inclusive o exportador), o que significa que apenas 33% do valor da produção cabem ao produtor, pròpriamente dito. Se atentarmos, porém, para o fato de que o porta-voz oficial inclui os proprietários de algodoais nessa sua classificação de «produtor pròpriamente dito», mas sabendo-se que o «produtor pròpriamente dito» é o assalariado agrícola, é o parceiro e é o arrendatário, então chegaremos à conclusão definitiva de que simplesmente uma ínfima e miserável sobra daqueles 17 bilhões de cruzeiros de capital oriundo dos setenta milhões de quilos de algodão produzidos no Ceará em 1961, ficam nas mãos do verdadeiro «produtor pròpriamente dito». O grosso da produção, o filé, o patim, o lombo de nosso famoso «ouro branco», êsses não pertencem a seus legítimos donos, os «produtores pròpriamente ditos». São sugados pelas bôcas vorazes das formas de exploração semifeudal, da mais-valia capitalista no campo, da ganância, da especulação e do tranqüilo parasitismo dos exportadores instalados em régios palacetes na capital cearense. Assim é no regime em que ainda vivemos, em que milhões trabalham a terra, vivem na miséria e na fome, para que uma minoria de privilegiados viva à tripa-fôrra. Enquanto isso, meio milhão de crianças em idade escolar (é também estatística oficial do Govêrno do Ceará) não frequentam escolas na terra de José de Alencar. E entre 100 pessoas, 10 são tuberculosas...

Nosso ônibus ronca agora na reta asfaltada que liga Fortaleza ao boqueirão do Cesário. Vamos pelo asfalto, sim, mas nos lembramos de que êsse projeto de pavimentação data do Govêrno Faustino de Albuquerque (quatriênio 1947-1950), quando devia ser concluído. Não o foi, passando a seguir a ser objetivo dos governos Raul Barbosa (mais quatro anos), Paulo Sarasate (mais quatro anos) e Parsifal Barroso (mais quatro anos). Quatorze anos, pois, são decorridos, e nada de o asfalto chegar a Russas, conforme solenes promessas eleitorais...

FORTALEZA

Afinal, em Fortaleza, onde chegamos com uma viva impressão de confiança no futuro. Nesta cidade, como no Recife e em outros pontos do Nordeste, as massas estão em movimento. Lutam firmemente por seus direitos e reivindicações, de forma pacífica mas enérgica. Nesta cidade, assistimos há pouco, às vitoriosas greves dos têxteis, dos bancários, dos motoristas e dos ferroviários. Nesta cidade, centenas de camponeses cearenses desfilaram pelas ruas centrais no encerramento triunfal de seu primeiro congresso camponês.

De Recife a Fortaleza, por via terrestre, através dos sertões nordestinos, tomando contacto com o sofrimento e as aspirações das massas, sentindo a sua fôrça telúrica, a sua resistência impressionante, a sua indignada condenação dêste regime de fome e de miséria, de exploração e de opressão, e a sua inabalável determinação de acabar com o latifúndio, de conquistar a libertação econômica e social, de repelir o imperialismo ianque, de ser livre e soberano.

De Recife a Fortaleza, viajando pelo coração ardente do Nordeste, a gente sente, avalia e pesa com realismo, quanto é insopitável e grandioso o desejo de libertação e independência do povo brasileiro.

Camponeses Baianos Organizaram Federação Estadual

SALVADOR, novembro (do Correspondente) — Com a participação de 71 delegados, representando 16 municípios, realizou-se nos dias 4 e 5 do corrente a Conferência Baiana dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, preparatória do Congresso Nacional de Belo Horizonte.

A crise político-militar de agôsto - setembro impediu que participassem do conclave os municípios mais distantes.

A Conferência elegeu os delegados à reunião nacional e criou a Federação das Associações de Trabalhadores Agrícolas da Bahia. Durante os debates, ficou evidenciada a desilusão da massa camponesa com os homens que ocupam postos de direção no govêrno e foi assinalada a necessidade da união dos trabalhadores do campo com os operários e os estudantes.

SOLUÇÃO RÁPIDA

Os camponeses presentes fizeram sentir que não acreditam em reforma agrária votada pelo atual Parlamento, de que fazem parte, em grande número, os latifundiários. Defenderam a necessidade de maior crédito rural e ajuda técnica, através do fornecimento de maquinaria agrícola.

Mostraram-se dispostos os representantes camponeses a se organizarem para a luta pela reforma agrária e contra qualquer tentativa de violência por parte dos donos da terra.

DELEGAÇÃO A BH

Ao Congresso Nacional de Belo Horizonte compareceram 11 delegados baianos: Francisco Guimarães, presidente da Federação; José Bruno: 1º secretário; Jeunilha Lindra da Silva, membro do Conselho; Mário Melo, 2º vice-presidente; Miguel Felix, delegado de Socotó; Alfredo Angelo, representante de [illegible], em Alagoinhas; José Caetano, pela Associação Gameleira; Tertuliano Teixeira, delegado dos camponeses de Camacari; Nilo dos Santos e Benigno, pelas organizações camponesas de Caravelas, e Felipe Santiago, representante dos camponeses de Engenho do Melo e Socorro.

400 Famílias de Camponeses Reocupam Terras em Caxias

Cêrca de 400 famílias de lavradores de Piranema (Duque de Caxias), com o apoio de representantes do Conselho Sindical e da União de Estudantes, daquele município, reocuparam as terras de que haviam sido despejadas em 1951. A luta dos camponeses locais está sendo dirigida pela Associação de Lavradores de Duque de Caxias.

Logo após a ocupação, os lavradores dividiram a terra em lotes e iniciaram imediatamente o roçado para o plantio. Também já estão sendo construídos barracos, em substituição aos que foram queimados anteriormente.

DEVASTAÇÃO DOS GRILEIROS

Nem um só ramo de terra foi plantado, desde que os grileiros expulsaram os camponeses, em 1951. Limitavam-se, êles a devastar as matas, para venda de lenha. Essas terras, no entanto, poderão produzir alimentos para abastecer grande parte da população do Rio de Janeiro.

Os lavradores de Piranema estão recebendo amplo apoio da Câmara Municipal de Duque de Caxias, que acaba de aprovar requerimento do vereador Braz de Lima, solicitando ao govêrno a desapropriação das terras em litígio.

O Conselho Sindical de Caxias, em nota divulgada, hipotecou inteira solidariedade à luta dos lavradores, e se dirigiu ao presidente da República e ao governador do Estado, exigindo medidas em defesa daquelas famílias ameaçadas.

SITUAÇÃO É GRAVE

Enquanto isto, o vereador Elias Lagoroni protestou contra a chegada de fôrças embaladas da Polícia Militar, o que fêz agravar a situação reinante. Tudo indica que essas fôrças foram enviadas a Duque de Caxias para proteger os interêsses dos grileiros.

Os lavradores de Piranema estão apelando para todos seus irmãos camponeses de outros municípios e para o trabalhadores, no sentido de que emprestem sua solidariedade à luta em que estão empenhados. Um manifesto, esclarecendo as razões de sua campanha foi dirigido à população do município.

LUTA ORGANIZADA

A Associação de Lavradores de Duque de Caxias, presidida pelo lavrador Francisco Silva, dirige a luta, através dos seus núcleos de São Lourenço, Barro Branco, Mantiqueira, Piranema e Sta. Cruz, que englobam milhares de camponeses. Vêm apoiando intensamente a luta a Federação das Associações de Lavradores do Estado do Rio, o Conselho Sindical de Duque de Caxias e a União Estudantil do mesmo município. As famílias que agora reocuparam as terras estão localizadas em Piranema Velha (250), Penha Caixão (50) e Xerém (100).

PEQUENA HISTÓRIA

Foi em 1951 que um engenheiro alemão (Emílio João Carlos Horwitz) descobriu terras devolutas em Xerém, mediu-as, batizou-as de Fazenda São Lourenço, levantou um título e apresentou-o ao juiz da Comarca. Juntou um pedido de reintegração de posse contra cêrca de 260 famílias que ali residiam e trabalhavam, algumas há mais de 30 anos. O juiz concedeu a reintegração, requisitou fôrça policial que expulsou os lavradores e deu cobertura a Emílio para confiscar todos os bens e queimou suas casas.

O exemplo foi seguido pelo cidadão português Orlando José Ferreira, um pouco mais abaixo, no quilômetro 43 do ramal de Xerém. Tinha 18 alqueires e resolveu aumentá-los para 230. Pediu reintegração de posse e mais de 200 famílias dali foram também expulsas pela fôrça policial, a tiros e coronhadas. Outro português fêz uma escritura de terras da Fazenda Piranema e conseguiu o despejo de outras famílias, seguindo-se um capitalista carioca, Mário de Almeida, que tomou as mesmas medidas.

JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

Em todos êsses casos houve recursos para o Judiciário. De nada valeram. Faltava dinheiro para acompanhar os processos, os lavradores nem foram ouvidos, os recursos engavetados, os bens perdidos. Enquanto isto, os grileiros retiravam lenha. De nada valeram também os protestos e os apelos às autoridades. Porisso, resolveram os lavradores, de forma organizada, reocupar aquelas terras, com o apoio dos trabalhadores e de suas organizações de classe.

No entanto, persistem as ameaças. Os grileiros estão pleiteando a expulsão violenta daquelas 400 famílias que só se manterão em suas terras se contarem com a solidariedade dos demais lavradores e dos operários das cidades.

Paraná: campanha popular contra aumento da Bond and Share

A secção do Paraná do Movimento Nacionalista Brasileiro e a Comissão Organizadora do II Congresso Sindical dos Trabalhadores do Paraná lançaram campanha contra a absurda elevação de 75% nas tarifas de luz elétrica do Paraná, autorizada pelo sr. Gabriel Passos, ministro de Minas e Energia.

A Companhia Fôrça e Luz do Paraná, nome local da Bond and Share, elevou as tarifas a pretexto de que havia aumentado em 35% os salários dos seus empregados.

A Federação dos Bancários do Paraná, entrosando-se na campanha, enviou os seguintes telegramas: «Ministro de Minas e Energia — Transmitimos vossência autorização Cia. Fôrça e Luz majorar tarifas setenta e cinco por cento causou indignação população do Estado. Classe bancária protesta ato que dará mais meio bilhão cruzeiros exploradores do povo» — «Sr. João Goulart — Protestamos contra aumento setenta e cinco por cento majoração tarifas Cia. Fôrça e Luz Paraná, ato que está causando indignação população e vem negar propósitos estabilização custo vida».

MEMORIAL

O Movimento Nacionalista Brasileiro (secção do Paraná) enviou ao ministro de Minas e Energia o seguinte memorial:

«O jornal «Última Hora», em edição de 7 do corrente, publica haver V. Excia., por portaria ministerial publicada no «Diário Oficial» de 27 de outubro autorizado a Companhia Fôrça e Luz do Paraná (filial da Bond and Share, elevar suas tarifas de energia elétrica. Não vem a caso e nem nos cabe examinar o amparo legal e aspectos jurídicos dêsse ato de V. Excia. ao que publica o mesmo jornal amparado no Artigo 176 do decreto 41.019. Por outro lado senhor ministro estamos informados de que o aumento das tarifas de energia elétrica lançado pela subsidiária da Bond and Share amparada pela portaria de V. Excia., será da ordem de 75%.

Não pode ignorar V. Excia. a repercussão que tal aumento terá na elevação do custo de vida. Neste ponto, senhor ministro, não podemos calar ante a decisão de V. Excia.. Não compreendemos nem atinamos com os motivos que levaram V. Excia. a tomar essa decisão.

No govêrno Jânio Quadros, o deputado João Agripino, que ocupava a pasta de Minas e Energia, num gesto muito patriótico e corajoso sustou a execução de um aumento de mais ou menos 60%, lançado por essa mesma emprêsa e já em vias de execução. Tanto isso é verdade senhor ministro que a Companhia foi obrigada a devolver aos consumidores as importâncias cobradas indevidamente...

Sabe V. Excia. que as emprêsas estrangeiras principalmente as concessionárias dos serviços de fornecimento de energia elétrica são useiras e vezeiras na exploração da bôlsa do povo.

Nós os nacionalistas operários, estudantes e trabalhadores iremos às ruas protestar publicamente contra o ato de V. Excia. Cumpre-lhe pois, senhor ministro, reexaminar a sua decisão. Do contrário, permitimo-nos dizer-lhe, estará V. Excia. negando o seu passado de homem público, patriota, integrante da Frente Parlamentar Nacionalista.

Nesta mesma data estamos dando ciência ao teor do presente ao Exmo. Sr. presidente da República, ao Conselho de Ministros, ao Senado e à Câmara Federal.

Na certeza de que V. Excia. dará a êste a atenção merecida firmamo-nos, respeitosamente com as nossas saudações nacionalistas».

Assinam o documento o presidente e o secretário-geral em exercício do Movimento srs. Aristides Oliveira Vinholes e Orlando Mattos.

Mineiros de Criciuma Elegem Sindicato Contra Anticomunismo

Verdadeiro tribunal da «Santa Inquisição» funcionou em Criciúma, por ocasião das eleições, realizadas de 24 a 28 de outubro, para a diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão nesta cidade de Santa Catarina.

Duas chapas concorreram ao pleito. A de número 1, situacionista, formada de trabalhadores e a número 2, integrada de elementos que se intitulavam «renovadores».

Contra a chapa número 1, encabeçada pelo operário Manoel Ribeiro, foi desencadeada uma das maiores campanhas difamatórias de que se tem notícia. Enquanto os patrões, que movimentaram cêrca de 4 milhões, ameaçavam de demissão, o bispo de Tubarão mobilizou todos os padres, que, do púlpito, tentavam intimidar com excomunhão os operários que votassem nesta chapa. E a estação de rádio transmitindo as missas. O delegado do Trabalho, conhecido elemento golpista, indicou, ilegalmente, pessoas de sua confiança para formar as mesas eleitorais.

Foi a surrada e desmoralizada bandeira do anticomunismo, a pelegada explorou o sectarismo religioso dos trabalhadores das minas, caracterizando a chapa número 1 como outros comunista, fidelista e outros chavões lacerdo-penabotistas, e rotulando a número 2 de «católica», «da paz social».

Até mesmo uma Comissão de Deputados da Assembléia Legislativa estêve em Criciúma para averiguar o perigo comunista, com gritante cobertura das estações de rádio e de jornais.

RESULTADO

Apurados os votos, verificou-se que a chapa número 1 alcançara 1 079 votos para os cargos de diretoria e 1 081 para o Conselho da Federação, enquanto a 2 totalizara tão-sòmente 864 e 879, respectivamente.

O mineiro de Criciúma reafirmou que a classe operária não aceita tutela religiosa, política ou filosófica dos divisionistas do movimento sindical, repudiando as manobras clericais, fascistas, patronais e golpistas que assolam o Brasil visando a deter o avanço democrático.

OS ELEITOS

São os seguintes os novos mentores do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão de Criciúma:

PARA DIRETORIA

Manoel Ribeiro, Jorge João Feliciano, Raul de Sousa.

PARA SUPLENTES

Raimundo Verdieri, Bernardo Custódio de Oliveira, Manoel Jovino Patrício.

PARA CONSELHO FISCAL

Domingos Jerônimo da Silva, Antônio Rosenk, Rafael José Motta.

PARA SUPLENTES

Antônio João Medeiros, Gabriel Antônio Rodolfo, Pedro Luiz.

REPRESENTANTES NO CONSELHO DA FEDERAÇÃO

Antônio Casagrande, Antônio Ronchi, Laudelino Patrício de Carvalho.

PARA SUPLENTES NO CONSELHO DA FEDERAÇÃO

Valdemiro João Anacleto, Pedro Pereira dos Santos, Avelino Nestor Martins.

PESSOAL DOS CORREIOS EM DIAMANTINA QUER DESMONTAR MÁQUINA GOLPISTA

Quatro mil funcionários postais mineiros assinaram memorial dirigido ao presidente João Goulart, indicando o nome do sr. Lahyre Moreira da Silva para o cargo de Diretor Regional dos Correios e Telégrafos de Diamantina, em Minas Gerais. Aquêles servidores desejam que se desmonte a máquina golpista instalada naquela repartição pelo udeno-lacerdista Aurival Pereira.

INTROMISSÃO DE GOLPISTAS

Durante a crise político-militar, a maioria dos funcionários da DR em Diamantina se levantou em defesa da legalidade, protestando contra a situação humilhante a que o seu atual diretor tentou levar aquela repartição. Elementos udenistas se intrometem nos assuntos internos da DR, a exemplo do presidente da UDN local, o conhecido lacerdista Joaquim Moreira da Silva.

Foi então organizado um movimento pró-indicação de Lahyre Moreira da Silva, velho servidor e combatente da causa nacionalista, apesar das ameaças de punição e remoções do diretor Aurival Pereira, através dos lacerdistas Heliogábalo Augusto Souto, Maria Elza Brandão Lopes, Maria Monteiro Horta, Maria José Siqueira, Francisco Antoni Brandão Neto, Maria Adalgisa Souto e dos integralistas Thales da Cunha Souzo e Tarcísio Amados dos Santos.

CRESCE O APOIO

Contra o nome de Lahyre vem sendo desenvolvida pelos setores reacionários uma campanha, liderada pelo arcebispo Geraldo Proença Sigaud, com o objetivo de colocar à frente da diretoria o integralista Lourival Mendes da Silva. No entanto, o movimento pró-Lahyre já atingiu a mais de 25 cidades do norte e nordeste de Minas Gerais, com o apoio de quatro prefeitos, um vice-prefeito, quinze vereadores, chefes de Diretórios Políticos, promotores, sacerdotes, coletores federais e estaduais, professôres, juízes e representantes de outros setores, além de amplas camadas populares.

PLANO DE TRABALHO

A Comissão pró-Lahyre estabeleceu um plano, para ser aplicado pelo nôvo diretor, caso seja nomeado. O plano estabelece, entre outras medidas, a substituição de chefes colocados pelos lacerdistas, reconstrução da rêde telegráfica, combate ao protecionismo e resistência às injunções políticas e várias sugestões para o aperfeiçoamento dos serviços postais e telegráficos.

DERROTA DO GOLPISMO

Ouvido pela reportagem, o sr. Lahyre Moreira da Silva afirmou que o grande movimento em apoio ao seu nome constitui uma clara derrota dos golpistas, acrescentando que é seu desejo imprimir à Diretoria Regional um cunho nacionalista e patriótico. Agradeceu as manifestações de solidariedade que tem recebido, acrescentando que só aceitou a indicação pela insistência de seus colegas e amigos.

DEPUTADO CLÉLIO LEMOS FAZ SÉRIA REVELAÇÃO

Denunciada a «Esso» na Câmara Sonegou 3,7 Bilhões de Lucros!

No momento em que a Câmara dos Deputados discute o projeto sôbre remessas de lucros para o Exterior e o deputado Daniel Faraco apresenta um relatório sôbre o assunto com dados falseados por entreguistas da SUMOC, o deputado Clélio Lemos, vice-presidente daquela Casa Legislativa ofereceu sensacional denúncia: sòmente no ano de 1960 e sòmente no setor de óleos lubrificantes, a Esso Brasileira de Petróleo obteve lucros de 3,7 bilhões de cruzeiros, cujo destino — totalmente oculto pela emprêsa — só pode ter sido a remessa clandestina para sua matriz em Nova Jersey.

A DENÚNCIA

Reproduzimos, a seguir, o trecho do discurso em que o deputado Clélio Lemos fêz a importantíssima revelação, depois de haver saudado a entrada em funcionamento da refinaria da Petrobrás, em Duque de Caxias:

«Situarei, brevemente, a importância do problema da produção de óleos lubrificantes: antes de ter sido baixada a Instrução 204 da SUMOC, que elevou na escala em que conhecemos o preço dos derivados de petróleo, o faturamento bruto anual das emprêsas distribuidoras de derivados de petróleo no país ascendia a mais de 100 bilhões de cruzeiros, quantia que supera o faturamento de tôdas as emprêsas de eletricidade existentes no Brasil. Com a Instrução 204, pode-se estimar, por baixo, que os diferentes consumidores de petróleo e derivados estão desembolsando anualmente 150 bilhões de cruzeiros. Pois bem. Dessa cifra fabulosa, verdadeiramente astronômica, no mínimo 20%, ou seja, pelo menos 30 bilhões de cruzeiros, correspondem ao faturamento dos óleos lubrificantes, segundo cálculos publicados pelo economista Jesus Soares Pereira, que integrou durante muitos anos o Conselho Nacional do Petróleo Apesar de ocupar faixa tão larga no valor das vendas, os óleos lubrificantes são uma parcela relativamente pequena no volume físico dos derivados distribuídos. Segundo dados do Conselho Nacional do Petróleo publicados no último Relatório da Petrobrás, num total de 78,7 milhões de barris de derivados de petróleo consumidos no Brasil entre janeiro e outubro do ano passado, apenas 1,3 milhão correspondeu aos óleo lubrificantes, isto é, 1,7% do volume físico dos derivados. Aí está, portanto, o quadro real na objetividade dos números: 1,7% do volume corresponde a 20% do valor. Por que isto ocorre? Será assim tão cara a produção de óleos lubrificantes? Justificar-se-á que a quantidade tão diminuta corresponda um valor tão elevado?»

PORQUE NÃO CUSTA MENOS

«Desgraçadamente, sr. Presidente, havendo explicação, não há, porém, nenhuma justificação para semelhante anormalidade. O que se passa é que o país está sendo pura e simplesmente lesado, está pagando excessivamente por um produto que devia estar sendo vendido a preços consideràvelmente inferiores. E uma boa parte dos cruzeiros assim indevidamente pagos têm um destino que todos conhecem: são transformados em dólares e remetidos para as matrizes das companhias distribuidoras «nacionalizadas».

Se descermos ao exame do fato iremos encontrar a resposta para a anormalidade na circunstância de que os óleos lubrificantes estão excluídos do tabelamento a que o Conselho Nacional do Petróleo submete os principais derivados. As tentativas feitas pelo órgão incumbido de traçar a política petrolífera nacional revelaram-se infrutíferas em face da resistência oposta pelas companhias distribuidoras. Alegando achar-se protegidos pelo segrêdo comercial, recusaram-se elas a fornecer o custo dos elementos que entram na formação dos preços dos óleos lubrificantes. Entretanto, a alegação das emprêsas, conforme decisão das autoridades competentes do país, é improcedente. Não obstante, fazendo valer seu poder e sua influência, as emprêsas distribuidoras continuam vendendo os óleos lubrificantes a preços não tabelados e exorbitantes, o que lhes proporciona lucros extraordinários com excessivos prejuízos para o Brasil".

«ESSO» SONEGA LUCRO

"No exemplo que darei a seguir, ficará evidente a importância que tem para o país o tabelamento dos óleos lubrificantes, quanto mais não seja pelo menos sob o ângulo do balanço de pagamentos, da economia de divisas. Uma das companhias distribuidoras, a "Esso", divulgou recentemente o resultado de suas atividades no decorrer do ano passado. Está publicado Relatório Anual de 1960, editado como Suplemento do n.º 2 da Revista Esso. Segundo a publicação, as vendas da "Esso Brasileira de Petróleo S.A.", atingiram em 196 0 o montante de 37,4 bilhões de cruzeiros, número que, assinala-se de passagem, aproxima-se bastante do cálculo feito pelo economista Soares Pereira, tendo em vista a parcela do mercado que corresponde a essa emprêsa. Pois bem. De acôrdo com o Relatório, os lucros da "Esso" no exercício de 1960 foram de apenas 508 milhões de cruzeiros, isto é, menos de 2% do total das vendas no ano... Examinemos essa história mais de perto. Sendo de 20%, como vimos, a parcela dos óleos lubrificantes na estrutura do faturamento global dos derivados do petróleo, não há nenhuma razão para que tal porcentagem seja diferente nas vendas da principal emprêsa distribuidora. Assim sendo, supondo que também para a "Esso" os lubrificantes representem apenas 20% — e não mais — do faturamento, teríamos que sòmente êsse item corresponde a cêrca de 7,5 bilhões de cruzeiros (20% sôbre 37,4 bilhões). Ora, os lubrificantes não têm, como já assinalamos, os seus preços tabelados, isto é, não há uma taxa de lucro fixada pelo Conselho Nacional do Petróleo, como sucede a outros derivados. Qual seria, então, o lucro obtido pela "Esso" sôbre êsses 7,5 bilhões de cruzeiros? Na resposta a essa questão ajudam-nos as considerações feitas pelo nosso ilustre colega, deputado Sérgio Magalhães, quando, em 16 de outubro de 1959, apresentou nesta Casa um requerimento de informações sôbre o assunto. A matéria acha-se publicada no "Diário do Congresso Nacional" de 21 de outubro de 1959, à página 7573. Com os elementos ali publicados e resultantes de pesquisas feitas no Conselho Nacional do Petróleo, pode-se elaborar o seguinte quadro, relativo ao ano de 1958:

ÓLEOS LUBRIFICANTES (EM LITRO)

	Cr$
CUSTO CIF (Incluindo impôsto único, taxas aduaneiras e portuárias, etc.)	19,50
DESPESAS GERAIS (Lata, envasamento, transporte, produtos químicos, lucros do revendedor, etc.)	15,50
TOTAL	35,00
PREÇO DE VENDA AO PÚBLICO	65,00/90,00
LUCRO MÉDIO	35,00

CONSUMO NACIONAL EM 1958
227.573.474 litros a Cr$ 35,00 de lucro por litro
Cr$ 7.965.000.000,00 de lucro"

Cr$ 3,7 BILHÕES SONEGADOS

"Do quadro que acabo de ler e voltando ao raciocínio anterior encontramos que o lucro médio auferido pelas companhias distribuidoras com a venda de óleos lubrificantes é da ordem de 100%. Calculando-se a percentagem de lucro sobre o faturamento obtido pela "Esso" com os lubrificantes, verificamos que, sòmente nesse item, a emprêsa norte-americana obteve um lucro certo de mais de 3,7 bilhões de cruzeiros, algo, portanto, muito diferente do lucro por ela declarado de 508 milhões de cruzeiros. Ora, se dêsses 508 milhões, 483 milhões foram realmente reinvestidos e 25 milhões incorporados às reservas (são ainda informações contidas no mesmo número da Revista Esso), mesmo assim haveria uma sobra de 3,2 bilhões de cruzeiros acêrca dos quais a emprêsa americana faz silêncio total. Supondo, ainda, que 500 ou 800 milhões dêsses lucros sonegados tenham sido investidos em certos jornais e escribas venais, bem como na propaganda da "Esso", em geral, restariam livres para remessas ao Exterior de 2,4 a 2,8 bilhões de cruzeiros. Se por curiosidade, convertêssemos êsses 2,8 bilhões de cruzeiros, em dólares, à taxa média vigente no mercado livre de câmbio em 1960 na praça do Rio de Janeiro, isto é, Cr$ 189,90 por dólar norte-americano, encontraríamos que a "Esso", no ano passado, teve a possibilidade de remeter para New Jersey pelo menos uns 15 milhões de dólares. Claro que são remessas clandestinas, ilegais, burlando os contrôles, fugindo ao pagamento de impostos agravando a posição cambial do país.

Mas, não é a própria emprêsa que o confessa, ao publicar resultados tão grosseiramente falsificados dos seus negócios? Ao omitir que tenha feito quaisquer remessas de lucros para o Exterior, a "Esso", querendo provar de mais, prova de menos pois ninguém irá acreditar que os seus acionistas nos Estados Unidos, os verdadeiros donos da companhia, tenham renunciado a receber dividendos, concordando em reinvertê-los todos no nosso país, por simples amor ao progresso do Brasil. E isto, note-se, sòmente quanto aos óleos lubrificantes, que são apenas um dos seis ou oito derivados do petróleo que a "Esso" distribui no Brasil.

Quando todos os nacionalistas afirmamos que é preciso deter a sangria nas remessas de lucros para o Exterior, não estamos esgrimindo com palavras, mas apoiando-nos em fatos, em fatos como êste que acabo de apresentar e que não podem ser contestados".

POR QUE A PETROBRÁS NÃO FABRICA?

Além da negativa das companhias estrangeiras em fornecer os dados solicitados pelo Conselho Nacional do Petróleo, um outro fator concorre para o não tabelamento dos lubrificantes: é que a Petrobrás ainda não os produz. E por que isto ocorre? A causa principal reside na sabotagem que a emprêsa norte-americana montadora da unidade de lubrificantes, na Bahia — a "The M. W. Kellog Company" — vem levando a efeito. A denúncia desta sabotagem, documentada e pormenorizada foi feita no mesmo discurso do deputado Clélio Lemos e os leitores a encontrarão na próxima edição de NOVOS RUMOS.

ASSINE:

REVISTAS SOVIÉTICAS

UNION SOVIETICA. Mensal - Ilustrada. Vida social, economia, ciência, técnica, cultura, arte, esportes, etc. Lida em mais de cem países. Assinatura anual — via aérea .... Cr$ 600,00

LA MUJER SOVIETICA. Mensal - Ilustrada. Vida social e familiar. Modas, educação infantil, contos, novelas, artes, etc. .... Cr$ 480,00

TIEMPOS NUEVOS. Semanário. Informações sôbre os acontecimentos de todo o mundo. Charges. Lida em 82 países .... Cr$ 480,00

CULTURA Y VIDA. Mensal - Ilustrada. Ciência e Técnica. Arte e literatura. Artigos especializados .... Cr$ 360,00

FILMS SOVIETICOS. Mensal. Novas produções. Planos artísticos, resumos de films. Magnificamente ilustrada .... Cr$ 600,00

LITERATURA SOVIETICA. Mensal. Órgão da União dos Escritores Soviéticos. Crítica literária, etc. .... Cr$ 360,00

INTERNATIONAL A[illegible] ...nal of political analyses. Mensal .... Cr$ 600,00

MOSCOW NEWS. Jornal semanal, em inglês. Informações sôbre o URSS. Suplementos Especiais .... Cr$ 350,00

LES NOUVELLES DE MOSCOU. Jornal semanal, em francês. .... Cr$ 350,00

LA VIDA INTERNACIONAL, revista mensal, em russo, inglês e francês. Política exterior. Artigos e materiais teóricos. Literatura soviética e estrangeira sôbre questões internacionais .... Cr$ 600,00

Pedidos, acompanhados de cheque ou vale postal a:
Agência Intercâmbio Cultural
Jurandir Guimarães
Rua dos Estudantes, 84 — Sala 28
— SÃO PAULO —

Democracia e Libertação Eram as Bandeiras da ANL

Os aniversários do movimento nacional libertador de 1935 têm sido sistemàticamente utilizados pelas fôrças reacionárias de nosso país para a mais ignóbil exploração do ódio anticomunista. Êste ano, sobretudo, pela circunstância de se ter verificado poucos dias antes o reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética, as provocações anticomunistas assumiram aspectos de verdadeira histeria, o que revela como cresce, de ano para ano, o desespêro com que os inimigos do povo brasileiro observam o avanço da luta pela libertação nacional e pela democracia no Brasil.

Deformando os fatos, os caluniadores do movimento aliancista recorrem a todo tipo de mentiras. Mentem sôbre a verdadeira situação do país à época dos acontecimentos revolucionários, mentem sôbre o desenrolar dêsses acontecimentos, mentem sôbre o caráter e os objetivos do movimento.

Na verdade, a Aliança Nacional Libertadora representou um movimento de profunda inspiração patriótica, popular e antifascista, desencadeado num instante em que se levantava uma grave ameaça de fascistização do Brasil. A Constituição fôra convertida em farrapos e a infame Lei de Segurança cobria o país com a violência e o terror. Os sindicatos e as organizações populares eram assaltados pela polícia, enquanto as milícias integralistas desfilavam acintosamente pelas ruas, em todos os Estados. Privilégios os mais vergonhosos eram concedidos à Alemanha de Hitler, à Itália de Mussolini e ao Japão militarista. A soberania do país estava sendo enxovalhada.

A Aliança Nacional Libertadora surgiu como a mais alta expressão da consciência nacional, de inconformidade dos patriotas diante da fascistização e da entrega do país ao capital estrangeiro. Luiz Carlos Prestes era o seu Presidente de Honra. Ao seu lado, na direção da ANL, formavam vários dos mais lúcidos e valorosos intérpretes dos sentimentos de nosso povo. A ANL impôs-se como uma ampla organização da frente única patriótica e democrática, forjada no curso de uma memorável luta pelos interêsses mais altos de tôda a Nação. O seu programa correspondia às aspirações da esmagadora maioria da sociedade brasileira, incluindo vários pontos que ou se converteram em realidade ou continuam, ainda hoje, sendo defendidos pelas fôrças patrióticas. Eis alguns dêsses pontos: não pagamento nem reconhecimento das dívidas externas; denúncia dos tratados antinacionais com o imperialismo; nacionalização dos serviços públicos mais importantes e das emprêsas imperialistas que não se subordinarem às leis do Govêrno Popular Revolucionário; jornada máxima de trabalho de 8 horas, seguro social, aposentadoria, aumento de salários, salário igual para trabalho igual, garantia de salário mínimo; luta contra as condições escravistas e feudais de trabalho (no campo); distribuição de terras entre a população pobre do campo, "tomadas aos grandes proprietários mais reacionários", devolução das terras arrebatadas aos índios; pelas mais amplas liberdades populares; contra tôda e qualquer guerra imperialista. Os comunistas participavam dessa frente única, juntamente com representantes de outras tendências ideológicas e filiações partidárias.

O terror que se abateu sôbre o país, levando inclusive ao fechamento da ANL, não permitiu aos patriotas outra alternativa senão a luta armada. O movimento de novembro de 1935 foi, assim, uma tentativa heróica de libertar o Brasil do perigo fascista e de sua condição odiosa e humilhante de país semicolonial e semifeudal. Entretanto, o movimento foi brutalmente esmagado. Os mais tenebrosos crimes foram cometidos então pela ditadura policial-militar que se implantou no país. Os cárceres se encheram dos melhores filhos do povo, sendo vários dêles assassinados e outros levados à loucura. Olga Benario, espôsa de Prestes, foi entregue, grávida, à Gestapo de Hitler para ser assassinada num campo de concentração nazista Personalidades reconhecidamente não comunistas, como João Mangabeira, Hermes Lima, Domingos Velasco, Maurício de Lacerda, Pedro Ernesto, Felipe Moreira Lima e muitos outros passaram pelos tribunais de exceção da ditadura.

Em condições diversas, tanto internacionais como dentro do país, a luta hoje sustentada pelo povo brasileiro contra o imperialismo norte-americano, pela reforma agrária e pelas reivindicações das grandes massas, é o prosseguimento do combate ontem travado pelos patriotas que se congregaram em tôrno da Aliança Nacional Libertadora.

A fúria com que as fôrças reacionárias ainda hoje se lançam contra a ANL, desvirtuando da maneira mais abjeta os fatos relacionados com o movimento revolucionário de 1935, visa não só justificar as medidas repressivas contra os comunistas — que se encontram, como sempre, na vanguarda de tôdas as lutas patrióticas do povo e dos trabalhadores —, mas também isolar da opinião pública todo movimento que, como a atual Frente de Libertação Nacional, se propunha lutar pela emancipação econômica do país, por medidas como a reforma agrária e pela supressão das desigualdades que fazem da vida um martírio para a esmagadora maioria de nosso povo.

Esta cada dia mais claro, entretanto, que essas campanhas de ódio e mentira encontram o repúdio crescente do povo brasileiro. Aos Lacerda e Pena Boto, João Mendes e Roberto Marinho resta um único recurso: lançarem-se ao enfurecimento e às lamentações. Porque não há fôrça capaz de deter o avanço da luta pela democracia e pela libertação nacional, as grandes bandeiras desfraldadas em 1935 pela Aliança Nacional Libertadora.

Wilmar Dias Adverte: Agressão a Cuba Será Uma Agressão...

(Conclusão da 3ª página)

niguana, na zona de Constanza, ocorrem treinamentos semelhantes;

g) — na costa meridional de Porto-Rico, nas proximidades do povoado de Santa Isabel, em áreas de treinamento e pista de aterrissagem, estão sendo preparados intensamente outros grupos de mercenários. Nêsse local, aviões bimotores de transportes e bombardeiros, entregues pelo Govêrno dos Estados Unidos são «adaptados» para a invasão, inclusive através do processo, já usado em abril último, de substituir as insígnias norte-americanas pela bandeira e côres cubanas;

h) — chefes militares centro-americanos, orientados pelo Pentágono e pelo Departamento de Estado, realizam freqüentes reuniões conjuntas, tendo já promovido a criação de uma Central de Inteligência e um comando único centro-americanos, com a missão aparente de coordenar o próximo assalto contra Cuba.

São, como se pode ver, denúncias muito concretas e de extraordinária seriedade. Haverá, no entanto, quem prefira negar-lhes importância e atribuir tudo a simples manobra política. Existem sempre os incrédulos, os de boa e os de má fé. Onde estará a verdade? Estará o Govêrno Cubano divulgando uma acusação leviana, ùnicamente para causar apreensões nos meios latinos-americanos? Que grau de credibilidade podemos atribuir à denúncia feita pelo Ministério do Exterior Cubano?

Lembramos, a propósito, e para que seja feito um raciocínio seguro, que, nos arquivos do Itamarati, existe uma outra nota diplomática, distribuída no dia 23 de fevereiro dêste ano, pelo Govêrno Cubano às chancelarias das Repúblicas latino-americanas, advertindo-as, no mesmo tom dramático, a respeito de fatos semelhantes aos ora denunciados.

Em fevereiro, da mesma maneira como o faz agora, o Govêrno de Cuba chamava a atenção do Continente para a iminência da invasão do seu país.

E a invasão se verificou, de fato, dois meses depois.

Permito-me, pois, chamar a atenção da Câmara dos Deputados; do Presidente da República; do Conselho de Ministros e de todo o povo brasileiro para o conjunto de circunstâncias que caracterizam, tão nítida e perigosamente, os preparativos de uma nova agressão militar contra Cuba.

FALSA DEMOCRACIA

Depois de dizer que espera do Govêrno dos EUA que êle não «incida novamente no doloroso êrro cometido em abril último» e de denunciar as manobras ensaiadas pelo Govêrno do Peru junto à OEA e à farsa dos «documentos secretos» descobertos da Argentina — farsa desmascarada pelo presidente Frondizi —, continua o deputado Wilmar Dias:

«A realidade da denúncia ora expressa não pode ser subestimada, pois grupos obstinados em pisotear a vontade soberana do povo cubano e substituir as suas conquistas sociais não cessam de se contrapor à Revolução que levou Fidel Castro ao Poder.

REVOLUÇÃO NÃO SE EXPORTA

A experiência que se faz em Cuba é corajosa e, não fôra as tremendas dificuldades que enfrenta, especialmente no campo do embargo econômico, poderia servir de medida de comparação com os demais resultados econômicos obtidos nos outros países.

Todavia, apesar da contra-revolução e da agressão econômica externa, a experiência caminha com celeridade e sucesso.

Passada a fase da implantação, onde os padrões de liberdade não podem ser idênticos aos nossos, justamente por causa das atividades contra-revolucionárias, poderemos formar um juízo exato das conquistas da revolução que, por ser tipicamente cubana, não pode ser objeto de exportação, outro pretexto utilizado contra Cuba.

A acusação, tão freqüente e tão infundada, de que Cuba pretende exportar a sua revolução não resiste também a uma análise séria, pois qualquer pessoa medianamente informada sabe que as revoluções deriva de um processo histórico, que amadurece e se desencadeia em cada país, segundo condições que lhe são peculiares e que não podem, de modo algum, ser transferidas quer no espaço, quer no tempo.

O que se pretende, com essa campanha, é, de um lado, apresentar as coisas como se o Govêrno cubano interviesse nos assuntos internos de outros países e, de outro lado, ilegalizar os movimentos de libertação nacional que, mais cedo ou mais tarde, serão vitoriosos e inevitáveis nos demais países do continente.

O que se tem verificado, no caso, é a exportação da contra-revolução, melancòlicamente malograda, em abril último, em Playa Girón, apesar dos tanques Sherman e do equipamento de indiscutível procedência americana, que tive oportunidade de aferir pessoalmente.

E que programa unia as fôrças da invasão, comandadas à distância por Miró Cardona? Apenas o de restauração de privilégios das classes ociosas que durante anos e anos amenizaram a economia cubana.

Dúvida houvesse, e bastaria considerar a composição social dos mercenários invasores, com os quais tive, juntamente com outros colegas desta casa, oportunidade de um demorado contato.

Com efeito, de 1.200 atacantes-invasores feitos prisioneiros por nós entrevistados no Estádio da Cidade Desportiva em Havana, 800 eram filhos de famílias abastadas, uma parte das quais representando antigos proprietários que possuíam 400.000 hectares das melhores terras; 9.666 casas; 70 indústrias; 10 centrais açucareiras, 2 bancos e 5 minas. Êstes dados foram retirados do discurso pronunciado por Fidel Castro, a 1º de Maio e resultaram de censo sócio-econômico dos prisioneiros.

Essa contra-revolução, senhores Deputados, teve a estimulá-la a Agência Central de Inteligência, num grande desserviço às boas relações entre os Estados Unidos e a América Latina.

ATITUDE DO BRASIL

Por ações infelizes e anticontinentais como esta, é que vimos levantarem-se, em apoio a Cuba, todos os povos latino-americanos, com o Brasil entre os vanguardeiros, lutando pelo princípio da autodeterminação do povo cubano, independentemente do regime político-econômico que tenha implantado em seu país.

O povo brasileiro sempre repeliu a intervenção de um Estado na vida de outro, seja a que título fôr, pois a nossa diplomacia sempre entendeu que aos povos cabe decidir de seus destinos e escolher, no exercício de sua soberania, o regime e o Govêrno que mais lhe convenham.

Por isso mesmo é que fazemos um reparo — talvez o único a ser feito — quanto à atitude assumida pelo nosso Govêrno em face de Cuba.

É que, em seus últimos pronunciamentos, tem insistido o ministro Santiago Dantas em declarar que Cuba deve voltar à «democracia» e ao chamado «sistema interamericano». Haveria muito que discutir em tôrno do conceito de democracia, o que não comporta essa digressão. Mas, qualquer que seja a compreensão que se tenha dêsse conceito, penso que só se estará defendendo conseqüentemente o direito de autodeterminação se, no caso concreto, não se pretender ditar ao povo e ao Govêrno cubano êsse ou aquêle tipo de democracia.

Afinal, não receberíamos como uma tentativa de intromissão em nossos problemas internos se, amanhã, Fidel Castro dissesse que o Brasil deve voltar à forma presidencialista de Govêrno? Não se levantou uma muralha de protesto contra o mesmo, quando se veiculou a falsa notícia de que êle teria oferecido os seus barbudos para defender uma das partes na recente crise institucional brasileira? Por que, então, opinarmos, em caráter oficial, sôbre assuntos que não nos dizem respeito?

Quero encerrar, Srs. Deputados, advertindo mais uma vez as altas autoridades da República e o nobre e altivo povo brasileiro sôbre a gravidade da denúncia feita pela chancelaria cubana.

Que ninguém tenha dúvidas: se a agressão denunciada se verificar, os demais povos da América Latina, entre êles o Brasil, estarão também sendo agredidos.

E todos saberão dar ao agressor ou agressores a resposta devida.

Que a denúncia cubana seja, enfim, uma clarinada preventiva e não uma profecia trágica, prenunciadora da prepotência que, em nome da liberdade, implantará a servidão e o ódio entre os povos irmãos do hemisfério ocidental.»

Estende-se Pelo Brasil Inteiro a Frente de Libertação Nacional

A Frente de Libertação Nacional (FLN) realizou importante reunião em Brasília, sábado, dia 25, presentes os governadores Brizzola e Mauro Borges, deputados Bento Gonçalves, José Jofilly, Temperani Pereira, Rui Ramos, Lício Hauer, Clidenor de Freitas, Fernando Santana, Seixas Dória, Unírio Machado, Ramon de Oliveira Neto e Celso Brandt, e o coronel Oscar Gonçalves Bastos.

Entre as resoluções de maior relêvo, figura a formação de uma comissão — deputado Rui Ramos, coronel Bastos, Aldo Arantes, presidente da UNE, e Armando Storne — encarregada de estudar as decisões do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em Belo Horizonte, conclave que mereceu o apoio da FLN.

CARAVANA

A reunião de Brasília decidiu organizar uma caravana de deputados que visitará todos os Estados brasileiros. A data marcada para o início das viagens é o próximo 16 de dezembro. Participarão da caravana 56 parlamentares, que se dividirão em grupos de dois ou três para percorrer cada Estado.

Para que os deputados tenham uma visão melhor do conjunto do país, os do Norte visitarão os Estados sulinos e vice-versa.

OUTRAS DECISÕES

A direção da FLN enviou ao Primeiro-ministro Tancredo Neves e ao Conselho de Ministros um telegrama de apoio ao ato governamental de reatamento de relações com a União Soviética. O texto do telegrama vai publicado em outro local desta edição.

O deputado Bento Gonçalves passou a direção da Frente Parlamentar Nacionalista para o deputado José Jofilly, a fim de poder melhor cuidar da secretaria de Brasília da FLN.

Foram ainda discutidas outras questões internas de organização, entre as quais a instalação de uma secretaria executiva da Frente no Estado da Guanabara.

RIBEIRÃO PRETO

Mais de 400 pessoas compareceram à sede da União Geral dos Trabalhadores de Ribeirão Prêto, dia 16, para assistir à instalação solene do Núcleo local da Frente de Libertação Nacional. Estiveram presentes ao ato as mais representativas figuras daquela cidade paulista, entre elas o vice-prefeito, dr. Orlando Jurca, os vereadores Said Issa Hallah e Antônio Reis Vilhalobos, sr. Renato Carneiro, presidente local do PSB, e inúmeros líderes e dirigentes sindicais e estudantis.

A assembléia elegeu a direção do Núcleo, que tomou a forma de colegiado, composto de 50 pessoas. Dois dias depois a direção se reuniu e elegeu a diretoria do Núcleo.

Foram tomadas imediamente várias medidas práticas para a divulgação dos ideais da Frente, resolvendo-se realizar dois comícios semanais nos bairros e no centro da cidade, programa logo iniciado, com a realização de um "meeting" bastante concorrido no dia 23 no bairro operário dos Campos Elíseos.

CAMPINAS

Também em Campinas (SP) foi fundado um núcleo da FLN, em solenidade realizada domingo, dia 26, com a presença do governador gaúcho Leonel Brizzola, que cumpriu extenso programa na cidade, proferindo inclusive importante conferência na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica.

O Plenário Sindical, órgão que congrega a quase totalidade dos sindicatos de trabalhadores deu seu integral apoio à fundação da Frente de Libertação Nacional em Campinas.

SÃO CAETANO

A Câmara Municipal de São Caetano do Sul (SP) aprovou moção de apoio à fundação da Frente de Libertação Nacional, em documento assinado por grande número dos vereadores daquela casa.

O documento, datado de 30 de outubro, foi de autoria do vereador Nilo Ribeiro de Figueiredo e assinala o "integral apoio a essa iniciativa" que foi a fundação em Goiânia da FLN.

NO CONGRESSO CAMPONÊS DE BELO HORIZONTE

Sacerdotes Católicos na Luta Pela Reforma Agrária Radical

Reportagem de Rui Facó

FREI GIOVENARDI teve atuação destacada numa das Comissões do I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, em Belo Horizonte. Concorda em atuar ao lado dos comunistas na luta pelas reivindicações dos trabalhadores. Não receia que o chamem de comunista — como já o têm chamado. Tem permissão de dom Kunz para sua atividade.

Assinalei, em reportagem anterior, a presença de sacerdotes católicos no I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil. Esta presença e a atitude assumida por êles fazendo côro ao clamor dos que se batiam por uma reforma agrária radical, punham em relêvo a ausência da Igreja Católica como instituição. Esta permanece ao lado do latifúndio. As sugestões e iniciativas isoladas partidas do alto clero revelam apenas mêdo de uma revolução no campo, mêdo da iniciativa das próprias massas camponesas. As assembléias de bispos, por exemplo, onde quer que tenham tratado do grave problema, limitam-se, no essencial, a esperar tudo das classes dominantes. E se pudesse haver qualquer dúvida a respeito desta atitude da Igreja, bastaria citar o caso concreto da «reforma pilôto» de dom Hélder, em Corumbá de Goiás: depois do malôgro de inúmeras «colônias» em todo o Brasil, funda a Igreja mais uma colônia agrícola, que não pode ter sorte diferente da de Ceres, da dos alemães ou dos suiços, naquele mesmo Centro-Oeste. Depois do malôgro, a decepção entre os próprios colonos e a «prova» de que nada resolveria a divisão das terras. Sim, nada resolve difundir a pequena propriedade ao lado do latifúundio semifeudal. Êste, inevitàvelmente, matará aquela. A saída, portanto, a única praticável, é acabar com o latifúndio, com o monopólio da terra.

Os padres no Congresso

Esta foi a compreensão revelada no I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas pelos sarcedotes que mais destacadamente dêle participaram.

Na sessão de encerramento, o padre Francisco Laje Pessoa, de Belo Horizonte, arrancou aplausos entusiastas das delegações camponesas quando afirmou, emocionado, fazendo vibrar a assistência:

— A vossa libertação não depende dos latifundiários, porque os latifundiários estão interessados é na vossa escravidão. Os latifundiários querem ficar cada vez mais ricos e mais latifundiários, e pouco se importam com a vossa pobreza.

O padre Laje demonstrou ter percebido claramente a nova etapa da luta pela terra que se trava no Brasil, quando disse:

— Muitos já desistiram de esperar por soluções do Congresso Nacional, que está cheio de latifundiários e ladrões. As soluções virão daqui, dêstes dias de encontro de fraternidade e amor. A verdadeira liberdade é a liberdade econômica. O resto são palavras. A verdadeira l i b e r d a d e é aquela que é desejada pelos trabalhadores camponeses.

E adiante:

— Gostaria também de fazer uma referência a todos aquêles que estiveram aqui convosco, sobretudo os bravos estudantes de nossa terra, que ajudaram a escrever mais esta gloriosa página de nossa história. Esta página não será apenas uma página escrita pelos trabalhadores que lutam heròicamente pela terra, mas por todos aquêles que lutam por um Brasil maior, por um Brasil feliz, onde não haja milhões de homens que trabalham na terra e não possuem a terra (. . .) Vejo os vossos cartazes com a inscrição: REFORMA AGRÁRIA NA LEI OU NA MARRA! Concordo. (. . .) A nossa terra é boa e será dos camponeses depois que se vençam todos os entraves e se acabem tôdas as tiranias, sobretudo a tirania das companhias estrangeiras que sugam a economia nacional. Será a libertação não só para o Brasil como para tôda a América Latina. Esperamos a redenção agrária do Brasil, como já ocorreu em Cuba.

Seria desnecessário acrescentar que as palavras do padre Laje se harmonizavam inteiramente com o estado de espírito dominante no Congresso. Era o que os congressistas queriam ouvir, traduzindo os seus sentimentos. O padre Laje estava identificado com êles, com suas mais íntimas aspirações.

Um jovem padre gaúcho

Mas o padre Laje, embora já conhecido nacionalmente, não era uma exceção no Congresso de Belo Horizonte. Êle brilhou na tribuna, com seu verbo ardente. Outro sacerdote católico, frei Eugênio Giovenardi, jovem, na casa dos vinte anos, capuchinho vindo do Rio Grande do Sul, participava dos trabalhos miúdos e cotidianos do Congresso. Integrava a Comissão dos Assalariados e Semi-assalariados agrícolas.

Num intervalo das reuniões da Comissão, mantive ligeira palestra com frei Giovenardi. Mostrou-se perfeitamente à vontade, sabendo embora que estava falando a um jornalista comunista.

Pergunto-lhe pelo movimento camponês no Rio Grande do Sul. Frei Giovenardi mostra-se entusiasmado com os primeiros passos das organizações de trabalhadores agrícolas gaúchos:

— Em Gravataí — me diz — já funcionam três associações de lavradores, e trabalhadores a g r í c o l a s, com cêrca de 200 filiados. Arregimentam-se, ainda, à base de reivindicações imediatas, aquelas necessidades mais sentidas pelos habitantes do campo: ambulatórios médicos, assistência dentária, assistência jurídica. Alguns dêstes serviços já funcionam, prestados em geral por estudantes voluntários.

— Há outras organizações camponesas no Estado?

— Sim. As principais são de Encruzilhada do Sul, cujo prefeito está no Congresso (Milton Soares Rodrigues), e de Cachoeira do Sul, cuja associação de lavradores conta com cêrca de 400 membros. São, ao todo, no Estado, umas 15 associações. E apenas começam a surgir, na medida em que se agravam as condições de vida dos que não têm terra.

Pergunto a frei Giovenardi se é êste o seu primeiro contato com os problemas dos trabalhadores.

— Não, responde êle. Meu primeiro contato foi através do Sindicato dos Estivadores, há uns três anos. A partir de outubro comecei a trabalhar como secretário de relações sindicais da Federação de Estudantes Universitários do Rio Grande do Sul, passando então a conhecer de perto as vilas operárias, os sindicatos e as associações de lavradores ou ligas camponesas.

— A Igreja não cria obstáculos à sua atividade nestes setores?

— Não, nenhuma. Quando me decidi a participar destas atividades, comuniquei-o a dom Edmundo Kunz, bispo auxiliar de Pôrto Alegre, e dêle obtive a autorização de que necessitava.

— Não receia de que em semelhantes atividades venha a ser identificado como comunista, filo-comunista ou «inocente útil»?

— Não, não receio. Já soube, aliás, que uma revista havia me feito semelhante acusação. Mas isto não me abala — responde com serenidade e compreensão. E acrescenta:

— Só desejo é ter fôrças suficientes para ajudar a transformar esta estrutura econômica d o m i n a n t e e substituí-la por outra que proporcione melhores condições de vida aos que trabalham.

Pergunto-lhe ainda se êle não reconhece que a Igreja Católica — sem falar nas exceções isoladas de alguns clérigos — está ausente dos mais sentidos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores. A sua resposta, embora não direta, é um reconhecimento dêste fato:

— O movimento de Julião, por exemplo — diz — deveria ser uma iniciativa da Igreja Católica . . .

Os trabalhadores do campo não mediram sacrifícios para comparecerem ao Congresso de Belo Horizonte. Êste assalariado agrícola do Rio Doce levou a família, inclusive seu filhinho mais nôvo.

Um padre nordestino

Ao primeiro contato com o Congresso, soube logo da presença de um sacerdote católico na delegação do Ceará. Fui encontrá-lo no plenário. Simpático e comunicativo: padre Arquimedes Bruno. Tinha lido seu nome na lista da Comissão de Direito. Mas parece que êle preferia ouvir os discursos dos camponeses que desde às nove horas da manhã se revezavam na tribuna. Eram testemunhos vivos da situação no campo em diferentes regiões do Brasil, em quase todos os Estados. Conversamos durante adguns momentos, mas era quase impossível o diálogo em meio aos ruídos dos alto-falantes e às palestras paralelas dos vizinhos. Além disso, o padre Arquimedes parecia realmente interessado em continuar ouvindo os discursos.

Encontramo-nos mais tarde na sala de imprensa. O padre Arquimedes Bruno não oculta, desde o início de nosso diálogo, sua inconformidade com a ordem de coisas dominante.

— O capitalismo, diz, é a predominância dos mais fortes sôbre os que nada possuem e traz consigo um crescente aumento do despotismo econômico. Além disso, no nosso país, temos no campo o empobrecimento da terra pelo sistema predatório de seu cultivo. É uma situação que não se pode admitir que continue.

Fala-me de sua vida, sua origem humilde, filho de um operário alfaiate. Desde que se ordenou, em 1934, considerou como um dever seu empenhar-se pela felicidade na terra dos homens que trabalham.

— Lembrava-me sempre — diz — da minha infância e adolescência. Sentia o quanto era duro não ter o pão de cada dia, acesso à instrução, que só pude obter através do ensino gratuito no Seminário. Por que chegou um tempo em que minha mãe não podia mais pagar a mensalidade . . .

— E do Congresso, padre, que acha?

— Um Congresso plenamente vitorioso. É o congraçamento dos camponeses de todo o Brasil, um triunfo de seu espírito de unidade. É também um espetáculo de democracia, pois aqui estão, lado a lado, trabalhadores de tôdas as crenças e opiniões. Apesar desta diversidade, há um denominador comum que a todos irmana: a luta em defesa dos direitos postergados dos trabalhadores.

Pergunto-lhe pelo funcionamento de sua Comissão no Congresso. Não fêz parte da Comissão de Direito, e sim da de pequenos e médios proprietários agrícolas. Seu trabalho foi bom e as discussões produtivas. A Comissão funcionou como o Congresso: a constatação das mesmas necessidades fêz com que cada um se sentisse integrado no conjunto, uma coesão de fôrças para realizações.

Dirijo-lhe uma pergunta idêntica à que já fizera a frei Giovenardi: se não receava trabalhar ao lado de comunistas nas campanhas pelas reivindicações de caráter econômico e social dos trabalhadores.

— Não, absolutamente. Não temo as acusações de que sou «comunista de batina». A esta acusação já respondeu devidamente o escritor católico Tristão de Ataíde — Alceu de Amoroso Lima — ao afirmar que, ante a gravidade dos problemas do momento presente, tais acusadores assim agem por ignorância ou má fé. É melhor seria estivessem empregando suas energias e inteligências para ajudar a resolver êsses problemas, em vez de se entregarem ao h i s t e r i s m o anticomunista, que nada constrói.

Remata, incisivo, padre Arquimedes Bruno:

— Não será por isso que vou me acovardar e deixar de defender os legítimos direitos dos injustiçados.

O I Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas teve, assim, mais êste mérito: veio definir posições e, conseqüentemente, tornar mais fácil e realizável na prática a unidade de ação dos que lutam por objetivos idênticos. Está-se chegando no país a êste consenso geral: é necessário acabar de uma vez para sempre com o latifúndio, com o monopólio da terra, libertar as massas camponesas sem terra. E porque no Congresso, à voz dos comunistas, dos socialistas se uniu a voz dos não-comunistas, dos católicos, inclusive de sacerdotes como Laje, Giovenardi e Bruno, é que se chegou à Declaração final com esta exigência básica: Reforma agrária radical, rutura imediata e a mais completa liqüidação do monopólio da terra exercido pelo latifúndio. Isto só será feito com a mobilização e a organização dos milhões dos sem terra e dos que têm apenas a propriedade aparente da terra, vítimas, também êles, do latifúndio semifeudal.

O Congresso veio reforçar nos camponeses a consciência de que, unidos entre si e contando com a solidariedade dos operários, da juventude estudantil, da intelectualidade, serão êles próprios os autores de sua emancipação.

Três gerações presentes no Congresso: avó, filho e netos. Todos ainda hoje vivem na mais negra miséria no campo. Mas o Congresso, símbolo de unidade e de luta, é também garantia de melhores dias para a nova geração.

ASMOB-MILANO ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO
ARQUIVO ASTROJILDO PEREIRA 1890-1965